

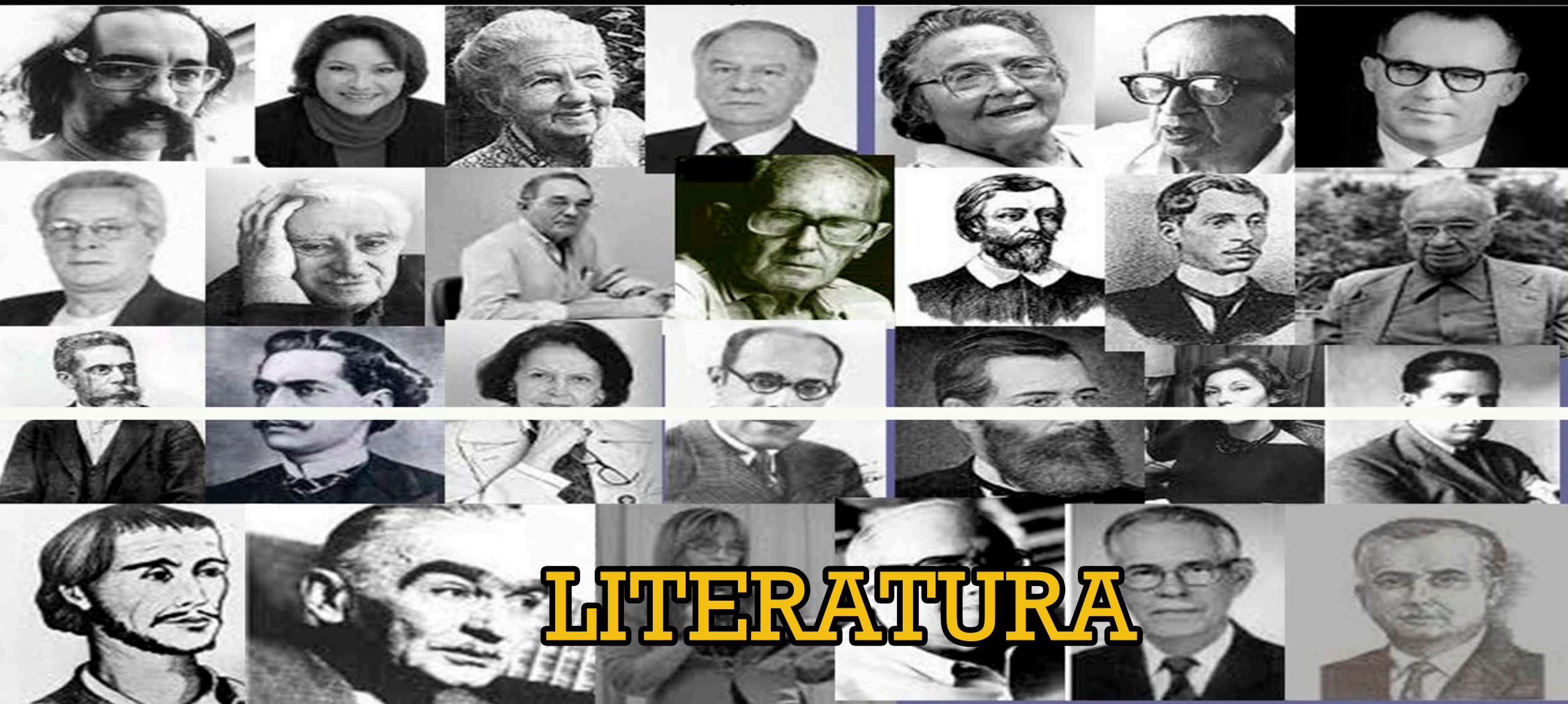


CURSO PREPARATÓRIO
CIDADE

www.cursocidade.com.br

SCLN 113, Bloco "C" - Salas 207 a 210 - Telefones: (61) 3340-0433 / 8175-4509 / 9975-4464 - E-mail: cursocidade@iic.pro.br

Escola de Sargentos das Armas



LITERATURA



Instituto de
Idiomas
CIDADE

LITERATURA

2ª Edição – 2017

Curso Cidade - ESSA

E Q U I P E

Diretor Geral

Luiz Alberto Tinoco Cidade

Diretora Executiva

Clara Marisa May

Diretor de Artes

Fabiano Rangel Cidade

Coordenação Geral dos Cursos Preparatórios

Profº Luiz Alberto Tinoco Cidade

Coordenação dos Cursos de Idiomas EAD

Profº Dr. Daniel Soares Filho

Secretaria

EvilinDrunoskiMache

Suporte

Laura Maciel Cruz
Jefferson de Araújo
Geraldo Luís da Silva Júnior

Editoração Gráfica

Edilva de Lima do Nascimento

Fonoaudióloga e Psicopedagoga

Mariana Ramos – CRFa 12482-RJ/T-DF

Assessoria Jurídica

Luiza May Schmitz – OAB/DF – 24.164

Assessoria de Línguas Estrangeiras

Cleide Thieves (Poliglota-EEUU)
João Jorge Gonçalves (Poliglota-Europa)

Equipe de Professores

Professores dos Idiomas

Luiz Cidade – Espanhol
Maristella Mattos Silva – Espanhol (EAD)
Monike Cidade – Espanhol (EAD)
Genildo da Silva – Espanhol
Leonardo dos Santos – Espanhol
Diego Fernandes – Espanhol
Rita de Cássia de Deus Vindo - Inglês
Márcia Mattos da Silva – Francês (EAD)
Marcos Henrique – Francês

Professores dos Concursos

Drº Adriano Andrade – Geografia do Brasil
Gibrailto Soares - Geografia do Brasil (EAD)
Drº Daniel Soares Filho – Espanhol (EAD)
Drª Simone Tostes – Inglês (EAD)
Edson Antonio S. Gomes – Administração de Empresas
Tomé de Souza – Administração de Empresas (EAD)
Sormany Fernandes – História do Brasil
Djalma Augusto – História do Brasil
André Luís Gonçalves – História
Felício Mourão Freire – História Geral (EAD)
Albert Iglésias – Língua Portuguesa e Literatura
Valber Freitas Santos – Gramática, Redação e Literatura (EAD)
Alexandre Santos de Oliveira – Direito
Lúcio dos Santos Ferreira – Direito
Emerson Marques Lima – Direito
Ms Edson da Costa Rodrigues – Ciências Contábeis
Genilson Vaz Silva Sousa – Ciências Contábeis
Paulo Augusto Moreira – Ciências Contábeis
Anderson Silva de Aguiar – Ciências Contábeis
Jorge Basílio – Matemática Financeira
Ricardo Sant'Ana – Informática
Cláudio Lobo – Informática
Elieel Martins – Informática
Cintia Lobo César – Enfermagem
Elaine Moretto – Enfermagem (EAD)

Conteúdo

| | |
|--|----|
| QUINHENTISMO..... | 5 |
| BARROCO | 9 |
| ARCADISMO..... | 18 |
| ROMANTISMO I..... | 25 |
| ROMANTISMO II | 32 |
| REALISMO – NATURALISMO - PARNASIANISMO | 44 |
| SIMBOLISMO | 50 |
| PRÉ-MODERNISMO..... | 54 |
| MODERNISMO BRASILEIRO (AS 3 GERAÇÕES) | 57 |
| GABARITOS | 63 |

Curso Cidade - ESSA

QUINHENTISMO

O que é?

O Quinhentismo foi o período das manifestações literárias do século XVI (ou seja, a partir de 1500). O Brasil era recém-descoberto e tudo o que tínhamos eram textos sobre o Brasil no ponto de vista dos europeus.

Como podemos perceber, nessa época, o que houve como produção de textos se divide, basicamente, em dois tipos:

Literatura de Informação: contam sobre as viagens e os primeiros contatos com a nova terra descoberta. Os textos apresentam uma linguagem mais simples e muito descritiva. O texto de maior referência foi *A Carta de Pero Vaz de Caminha* o rei D. Manoel de Portugal. Este foi documento considerado marco inicial da Literatura Brasileira (ainda que escrito por um português, ele o produziu **no** Brasil (e **sobre** o Brasil).

Literatura de Catequese: Para cá foram enviados padres da Ordem dos Jesuítas com o objetivo de catequizarem aqueles que habitavam o Brasil antes da chegada dos portugueses. Um dos nomes mais proeminente dessa época José de Anchieta. Escrevia representações teatrais pois acreditava que através das encenações seria mais fácil atingir ao diversificado público daqui que eram os índios, os marujos, os colonos que para o Brasil foram enviados e que possuíam pouca cultura erudita, os comerciantes, os soldados, etc. Há que se dizer que o maior objetivo dos textos anchietanos era voltado para os indígenas. Para essa razão, Anchieta escrevia em português e, inclusive, Tupi, havendo escrito uma gramática sobre esta língua.



Enquanto que no Brasil estamos tratando dos primeiros vestígios de uma literatura Brasileira, conhecida como estamos chamando de *Quinhentismo* (Literatura de Informação e de Catequese), em Portugal seguiam as produções do Classicismo.

Literatura de Informação

Você conhece a Carta de Pero Vaz de Caminha? Leia a seguir alguns fragmentos.

Carta a el-Rei Dom Manuel sobre o achamento do Brasil

Senhor, posto que o **capitão-mor** desta vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a nova do achamento desta Vossa terra nova, que se ora nesta navegação achou, não deixarei de também dar disso minha **conta**. (...)

E assim seguimos nosso caminho, por este mar, de longo, até terça-feira d'**oitavas de Páscoa**, que foram 21 dias d'Abril, que topamos alguns sinais de terra (...) E à quarta-feira seguinte, pela manhã, topamos aves, a que chamam fura-buchos. Neste mesmo dia, a **horas de véspera**, houvemos vista de terra, isto é, primeiramente d'um grande monte, mui alto e redondo, e d'outras serras mais baixas ao sul dele e de terra **chã** com grandes arvoredos, ao qual monte alto o capitão pôs o nome o Monte Pascoal e à terra A Terra de Vera Cruz. (...)

E dali houvemos vista d'homens, que andavam pela praia, de 7 ou 8, segundo os navios pequenos disseram, por chegaram primeiro. (...) A feição deles é serem pardos, maneira d'avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura, nem estimam nenhuma **cousa** cobrir nem mostrar suas **vergonhas**. E estão acerca disso com tanta inocência como têm em mostrar o rosto. (...)

Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos, compridos, pelas espáduas; e suas vergonhas tão altas e tão **çarradinhas** e tão limpas das cabeleiras que de as nós muito bem olharmos não tínhamos nenhuma vergonha. (...)

E uma daquelas moças era toda **tinta**, de fundo a cima, daquela tintura, a qual, certo, era tão bem feita e tão redonda e sua vergonha, que ela não tinha, tão graciosa, que a muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhes tais feições, fizera vergonha, por não terem a sua como ela. (...)

O capitão, quando eles vieram, estava assentado em uma cadeira e uma **alcatifa** aos pés por estrado, e bem vestido, com um colar d'ouro mui grande ao pescoço. (...) Um deles, porém, pôs olho no colar do capitão e começou d'acenar com a mão para a terra e depois para o colar, como que nos dizia que havia em terra ouro. E também viu um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e então para o castiçal, como que havia também prata. (...)

Até agora não pudemos saber se há ouro ou prata nela, ou outra coisa de metal, ou ferro; nem lha vimos. Contudo a terra em si é de muito bons ares frescos e temperados como os de **Entre-Douro-e-Minho**, porque neste tempo d'agora assim os achávamos como os de lá. Águas são muitas; infinitas. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem! Porém, o melhor fruto que dela se pode tirar parece-me que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar. (...)

Vocabulário:

capitão-mor: trata-se de Pedro Álvares Cabral.

conta: relato.

oitavas de Páscoa: semana que vai desde o domingo de Páscoa até o domingo seguinte.

horas de véspera: final da tarde.

chã: plana.

cousa: coisa.

vergonhas: órgãos sexuais.

çarradinhas: alguns historiadores consideram "sarradinhas", isto é, sem doenças, e outros consideram "cerradinhas", isto é, densas.

tinta: tingida.

alcatifa: tapete, que cobre ou se estende.

Entre-Douro-e-Minho: antiga província de Portugal.

Após tomar contato com o texto que "inaugura" a literatura brasileira, cabe uma reflexão:

Para que serve este tipo de texto para o leitor de hoje em dia?

Para o leitor "comum", a literatura informativa pode satisfazer a curiosidade a respeito do Brasil nos seus primeiros anos de vida, oferecendo o encanto das narrativas de viagem. Para os historiadores, os textos são fontes obrigatórias de pesquisa.

Mais adiante, com o movimento modernista, esses textos foram retomados pelos escritores brasileiros, como Oswald de Andrade, como forma de denúncia da exploração a que o país sofrera desde então.

E seguem as nossas perguntas:

Quais são os principais documentos que compõem a literatura informativa brasileira?

1. Carta do descobrimento(Pero Vaz de Caminha): escrita em 1500 e publicada pela primeira vez em 1817.
2. Tratado da terra do Brasil(Pero de Magalhães Gândavo): escrito por volta de 1570 e impresso pela primeira vez em 1826.
3. História da Província de Santa Cruz, *a que vulgarmente chamamos Brasil* (Pero de Magalhães Gândavo): editado em 1576.
4. Diálogo sobre a conversão dos gentios(Padre Manuel da Nóbrega): escrito em 1557 e impresso em 1880.
5. Tratado descritivo do Brasil(Gabriel Soares de Sousa): escrito em 1587 e impresso por volta de 1839.

Literatura de Catequese(ou Literatura Jesuítica)

Os impérios ibéricos continham em sua expansão uma profunda ambiguidade. Ao espírito capitalista-mercantil (buscavam riquezas e mercadorias para boa comercialização) associavam um certo ideal religioso e salvacionista (imposição da fé católica como única salvação). Principalmente devido a este segundo objetivo expansionista que dezenas de religiosos acompanhavam as expedições a fim de converter os gentios.

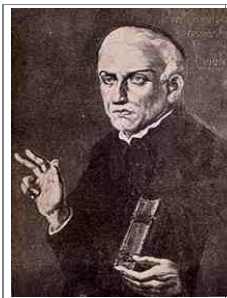
Como consequência da **Contrarreforma**, chegam, em 1549, os primeiros jesuítas ao Brasil incumbidos de catequizar os índios e de instalar o ensino público no país. Para tanto, fundaram os primeiros colégios, que foram, durante muito tempo, a única atividade intelectual existente na colônia.

Do ponto de vista estético, os jesuítas foram responsáveis pela melhor produção literária do Quinhentismo brasileiro. Além da poesia de devoção, cultivaram o teatro de caráter pedagógico-doutrinário, inspirado em passagens bíblicas, e produziram documentos que informavam aos superiores na Europa o andamento dos trabalhos.

O instrumento mais utilizado para atingir os objetivos pretendidos pelos jesuítas (moralizar os costumes dos brancos colonos e catequizar os índios) foi o **teatro**. Para isso, os jesuítas chegaram a aprender a língua tupi, utilizando-a como veículo de expressão. Os índios não eram apenas espectadores das peças teatrais, mas também atores, dançarinos e cantores.

Os principais jesuítas responsáveis pela produção literária da época foram o padre Manuel da Nóbrega, o missionário Fernão Cardim e o padre José de Anchieta.

José de Anchieta (1534 – 1597)



Nascido em 1534 na ilha de Tenerife, Canárias, o padre da Companhia de Jesus veio para o Brasil em 1553 e fundou, no ano seguinte, um colégio na região da então cidade de São Paulo. Faleceu na atual cidade de Anchieta, litoral do Espírito Santo, em 1597.

Conhecido como o grande **piaty** ("supremo pajé branco"), Anchieta deixou como legado a primeira gramática do tupi-guarani, verdadeira cartilha para o ensino da língua dos nativos (*Arte da gramática da língua mais usada na costa do Brasil*). Destacou-se também por suas poesias e autos, nos quais misturava a moral religiosa católica aos costumes dos indígenas.

Entre as peças de teatro da época, destaca-se o *Auto de São Lourenço*, escrita pelo padre José de Anchieta. Nela, o autor conta em três línguas (tupi, português e espanhol) o martírio de São Lourenço, que preferiu morrer queimado a renunciar a fé cristã. Anchieta tentou conciliar os valores católicos com os símbolos primitivos dos habitantes da terra e com aspectos da nova realidade americana. O sagrado europeu ligava-se aos mitos indígenas, sem que isso significasse contradição, pois as ideias que triunfavam nos espetáculos eram evidentemente as do padre. A liberdade formal das encenações saltava aos olhos: o teatro anchietano pressupunha o lúdico, o jogo coreográfico, a cor, o som.

A obra do padre Anchieta também merece destaque na poesia. Além de poemas didáticos, com finalidade catequética, também elaborou poemas que apenas revelavam sua necessidade de expressão. Os poemas mais conhecidos de José de Anchieta são: "Do Santíssimo Sacramento" e "A Santa Inês". Veja, a seguir, um trecho do poema:

A Santa Inês

Cordeirinha linda,
Como **folga**¹ o povo,
Porque vossa vinda
Lhe dá **lume**² novo!
Cordeirinha santa,
De Jesus querida,
Vossa santa vida
O Diabo espanta.
Por isso vos canta
Com prazer o povo,
Porque vossa vinda
Lhe dá lume novo.
Nossa culpa escura
Fugirá depressa,
Pois vossa cabeça
Vem com luz tão pura.
Vossa formosura
Honra é do povo,
Porque vossa vinda
Lhe dá lume novo.

Virginal cabeça,
Pela fé cortada,
Com vossa chegada
Já ninguém pereça;
Vinde mui depressa
Ajudar o povo,
Pois com vossa vinda
Lhe dais lume novo.

Vós sois cordeirinha
De Jesus Formoso;
Mas o vosso Esposo
já vos fez Rainha.
Também padeirinha
Sois do vosso Povo,
pois com vossa vinda,
Lhe dais trigo novo.

¹folga: se alegra
²lume: luz

O poema fala do confronto entre o bem e o mal com bastante simplicidade: a chegada de Santa Inês espanta o diabo e, graças a ela, o povo revigora sua fé. A linguagem é clara, as ideias são facilmente compreensíveis e o ritmo faz com que os versos tenham musicalidade, ajudando o poeta a envolver o ouvinte e a sensibilizá-lo para sua mensagem religiosa.

Nesta aula, começamos a enveredar pelas produções literárias no Brasil. Não podemos dizer que se trata de uma literatura "genuinamente" nacional, até porque a maioria dos escritores desse período eram portugueses, mas estamos começando a ver o nascimento dos caminhos para a formação de nossa identidade.

Vamos para a nossa habitual "parada" antes de começarmos os exercícios.



Recapitulando

Vamos verificar nosso conhecimento sobre o Quinhentismo:

1. São características da poesia do Padre José de Anchieta:

- (A) linguagem cômica, visando a divertir os índios; expressão em versos decassílabos, como a dos poetas clássicos do século XVI
- (B) a temática, visando a ensinar os jovens jesuítas chegados ao Brasil
- (C) função pedagógica; temática religiosa; expressão em redondilhas, o que permitia que fossem cantadas ou recitadas facilmente
- (D) temas vários, desenvolvidos sem qualquer preocupação pedagógica ou catequética
- (E) n.d.a.

Leia a estrofe abaixo e faça o que se pede:

*Dos vícios já desligados
nos pajés não crendo mais,
nem suas danças rituais,
nem seus mágicos cuidados.*

(ANCHIETA, José de. *O auto de São Lourenço Rio de Janeiro: Ediouro [s.d.].p. 110*)

2. Assinale a afirmativa verdadeira, considerando a estrofe acima, pronunciada pelos meninos índios em procissão:

- (A) A presença dos meninos índios representa uma síntese perfeita e acabada daquilo que se convencionou chamar de literatura informativa.
- (B) Os meninos índios representam a revolta dos nativos contra a catequese trazida pelos jesuítas, de quem querem libertar-se tão logo seja possível.
- (C) Os meninos índios são figuras alegóricas cuja construção como personagens atende a todos os requintes da dramaturgia renascentista.

- (D) Os meninos índios estão afirmando os valores de sua própria cultura, ao mencionar as danças rituais e as magias praticadas pelos pajés.
- (E) Os meninos índios representam o processo de aculturação em sua concretude mais visível, como produto final de todo um empreendimento do qual participaram com igual empenho a Coroa Portuguesa e a Companhia de Jesus.

3. A importância das obras realizadas pelos cronistas portugueses dos séc XVI e XVII é:

- (A) caracterizar a influência dos autores renascentistas europeus
- (B) sobretudo documental
- (C) a deterem sido escritas no Brasil e para brasileiros
- (D) determinada exclusivamente pelo seu caráter literário
- (E) n.d.a.

4. As primeiras manifestações literárias que se registram na Literatura Brasileira referem-se a:

- (A) Literatura informativa sobre o Brasil (crônica) e literatura didática, catequética (obra dos jesuítas)
- (B) Poesia épica e prosa de ficção
- (C) Obras de estilo clássico, renascentista
- (D) Poemas românticos indianistas
- (E) Romances e contos dos primeiros colonizadores

5. Anchieta só não escreveu:

- (A) autos religiosos, à maneira do teatro medieval
- (B) um dicionário ou gramática da língua tupi
- (C) cartas, sermões, fragmentos históricos e informações
- (D) poesias em latim, portuguesas, espanhol e tupi
- (E) sonetos clássicos, à maneira de Camões, seu contemporâneo

6. Sobre a literatura produzida no primeiro século da vida colonial brasileira, é correto afirmar que:

- (A) Inicia com *Prosopopéia*, de Bento Teixeira
- (B) É constituída por documentos que informam acerca da terra brasileira e pela literatura jesuítica

- (C) Descreve com fidelidade e sem idealizações a terra e o homem, ao relatar as condições encontradas no Novo Mundo
- (D) Os textos que a constituem apresentam evidente preocupação artística e pedagógica
- (E) É formada principalmente de poemas narrativos e textos dramáticos que visavam à catequese

7. A "literatura jesuíta", nos primórdios de nossa história:

- (A) visa à catequese do índio, à instrução do colono e sua assistência religiosa e moral
- (B) tem grande valor informativo
- (C) está a serviço do poder real
- (D) tem fortes doses nacionalistas
- (E) é ingênua com relação a bondade dos índios

8. Qual das afirmações não corresponde à Carta de Caminha?

- (A) Composição sob forma de diário de bordo
- (B) Observação do índio como um ser disposto à catequização
- (C) Aproximações barrocas no tratamento literário e no lirismo das descrições
- (D) Mistura de ingenuidade e malícia na descrição dos índios e seus costumes
- (E) Deslumbramento diante da exuberância da natureza tropical

Chegamos às primeiras expressões literárias no Brasil. O Quinhentismo e todo o seu caráter informativo e doutrinário abriu espaço para o "fazer" literatura por aqui. O próximo período será muito mais profícuo e rico em relação ao anterior.

Preparemo-nos para estudar o BARROCO.

BARROCO

O Barroco (também conhecido como Seiscentismo) é constituído pelas primeiras manifestações literárias genuinamente brasileiras ocorridas ainda quando éramos Colônia, embora diretamente influenciadas pelo barroco das Metrôpoles europeias. O período engloba genericamente todas as manifestações artísticas dos anos 1600 e início dos anos 1700.

Além da literatura, o **Barroco** teve grandes expressões artísticas relacionadas à música, pintura, escultura e arquitetura.

Contexto Histórico

Após o **Concílio de Trento**, realizado entre os anos de 1545 e 1563 e que teve como consequência uma grande reformulação do Catolicismo, em resposta à Reforma protestante de Lutero, a disciplina e a autoridade da Igreja de Roma foram restauradas, estabelecendo-se a divisão da cristandade entre protestantes e católicos.

Nos **Estados protestantes**, onde as condições sociais foram mais favoráveis à liberdade de pensamento, o racionalismo e a curiosidade científica do **Renascimento** continuaram a se desenvolver. Já nos **Estados católicos**, sobretudo na Península Ibérica, desenvolveu-se o movimento chamado **Contrarreforma**, que procurou reprimir todas as tentativas de manifestações culturais ou religiosas contrárias às determinações da Igreja Católica. Nesse período, a Companhia de Jesus passa a dominar quase que inteiramente o ensino, exercendo papel importantíssimo na difusão do pensamento aprovado pelo Concílio de Trento.

O clima geral era de austeridade e repressão. O **Tribunal da Inquisição**, que se estabelecera em Portugal para julgar casos de heresia, ameaçava cada vez mais a liberdade de pensamento. O complexo contexto sociocultural fez com que o homem tentasse conciliar a glória e os valores humanos despertados pelo Renascimento com as ideias de submissão e pequenez perante Deus e a Igreja. Ao antropocentrismo renascentista (valorização do homem) opôs-se o teocentrismo (Deus como centro de tudo), inspirado nas tradições medievais.

Essa situação contraditória resultou em um **movimento artístico** que expressava também **atitudes contraditórias** do artista em face do mundo, da vida, dos sentimentos e de si mesmo; esse movimento recebeu o nome de Barroco.

O homem se vê colocado entre o céu e a terra, consciente de sua grandeza mas atormentado pela ideia de pecado e, nesse dilema, busca a salvação de forma angustiada (*este é o homem barroco*).

Os sentimentos se exaltam, as paixões não são mais controladas pela razão, e o desejo de exprimir esses estados de alma vai se realizar por meio de **antíteses, paradoxos e interrogações**. Essa oscilação que leva o homem do céu ao inferno, que mostra sua dimensão carnal e espiritual, é uma

das principais características da literatura barroca. Os escritores barrocos abusam do jogo de palavras (cultismo) e do jogo de ideias ou conceitos (**conceptismo**).



Temas frequentes na Literatura Barroca

- fugacidade da vida e instabilidade das coisas.
- morte, expressão máxima da efemeridade das coisas.
- concepção do tempo como agente da morte e da dissolução das coisas.
- castigo, como decorrência do pecado.
- arrependimento.
- narração de cenas trágicas.
- erotismo.
- misticismo.
- apelo à religião.

Mas não só de literatura vive o Barroco ...

Arte

A arte barroca procurou captar a realidade em pleno movimento. Mais do que estrutura, porém, o que se buscava era o embelezamento de portas e janelas e da ornamentação de interiores. As colunas, altares e púlpitos eram recobertos com espirais, flores e anjos – revestidos de ouro –, numa integração da pintura, escultura e arquitetura, exercendo sobre o espectador uma grande atração visual. No Brasil, a exploração do ouro e de pedras preciosas na região de Minas Gerais impulsionou a produção da arte barroca.

A influência barroca manifestou-se claramente nas pinturas feitas em tetos e paredes de igrejas e palácios. As cenas e elementos arquitetônicos (colunas, escadas, balcões, degraus) proporcionavam uma incrível ilusão de movimento e ampliação de espaço, chegando, em alguns casos, a dar a impressão de que a pintura era a realidade, e a parede, de fato, não existisse.



“Vênus e Adônis”. Peter Paul Rubens (1577-1640) Espanha)



(Basilica de Nossa Senhora do Carmo em Recife)

Até aqui já vimos muita coisa sobre esse estilo tão rico em detalhes e variedades. Nosso conselho é que dê uma parada agora, releia tudo novamente e busque verificar se tem alguma dúvida.

Vamos estudar um pouco mais sobre o que é o Barroco

Características

Como vimos, este estilo é decorrência de uma espécie de crise do Renascimento, principalmente, pelas divergências religiosas e pelas imposições do catolicismo bem como pelas dificuldades econômicas advindas do declínio do comércio com o Oriente.

Até aqui, isto já havíamos visto!

É por esta razão que todo o rebuscamento que se nota nas expressões artísticas barrocas é reflexo dos conflitos dualistas entre o terreno e o celestial, o homem (antropocentrismo) e Deus (teocentrismo), o pecado e o perdão, a religiosidade medieval e o paganismo presente no período renascentista.

1) A arte da contrarreforma

A ideologia do Barroco é fornecida pela Contrarreforma. Em nenhuma outra época se produziu tamanha quantidade de igrejas, capelas, estátuas de santos e monumentos sepulcrais. As obras de arte deviam falar aos fiéis com a maior eficácia possível, mas em momento algum descer até eles. A arte barroca tinha que convencer, conquistar e impor admiração.



(Profeta Daniel, de Aleijadinho, Congonhas do Campo, MG)2) Conflito entre corpo e alma

O Renascimento definiu-se pela valorização do profano, pondo em voga o gosto pelas prazeres do mundo. Os intelectuais barrocos, no entanto, não alcançam tranquilidade agindo de acordo com

essa filosofia. A influência da Contrarreforma fez com que houvesse oposição entre os ideais de vida eterna em contraposição com a vida terrena e do espírito em contraposição à carne. Na visão barroca, não há possibilidade de conciliar essas antíteses: ou se vive a vida sensualmente, ou se foge dos gozos humanos e se alcança a eternidade. A tensão de elementos contrários causa no artista uma profunda angústia: após arrojarse nos prazeres mais mundanos, ele se sente culpado e busca o perdão divino. Assim, ora ajoelha-se diante de Deus, ora celebra as delícias da vida.

3) A fugacidade do tempo

O homem barroco assume consciência integral no que se refere à brevidade da vida humana (p que chamamos de "efemeridade"):

O tempo, veloz e avassalador, tudo destrói em sua passagem. Por outro lado, diante das coisas transitórias (instabilidade), surge o conflito: vivê-las, antes que terminem, ou renunciar ao passageiro e entregar-se à eternidade?

4) Forma tumultuosa

O estilo barroco apresenta forma conturbada, decorrente da tensão causada pela oposição entre os princípios renascentistas e a ética cristã. Daí a frequente utilização de **antíteses**, **paradoxos** e **inversões**, estabelecendo uma forma contraditória, onde existem muitos dilemas e conflitos.

Além disso, a utilização de interrogações revela as incertezas do homem barroco frente ao seu período e a inversão de frases a sua tentativa na conciliação dos elementos opostos.

5) Cultismo e conceptismo

O **cultismo** caracteriza-se pelo uso de linguagem rebuscada, culta, extravagante, repleta de jogos de palavras e do emprego abusivo de figuras de estilo, como a **metáfora** e a **hipérbole**. Veja um exemplo de poema cultista:

*Ao braço do Menino Jesus de Nossa Senhora das Maravilhas, A quem infiéis despedaçaram
O todo sem a parte não é todo;
A parte sem o todo não é parte;
Mas se a parte o faz todo, sendo parte,
Não se diga que é parte, sendo o todo.*

(Gregório de Matos)

Já o **conceptismo**, que ocorre principalmente na prosa, é marcado pelo jogo de ideias, de conceitos, seguindo um raciocínio lógico, nacionalista, que utiliza uma retórica aprimorada. A

organização da frase obedece a uma ordem rigorosa, com o intuito de convencer e ensinar. Veja um exemplo de prosa conceptista:

Para um homem se ver a si mesmo são necessárias três coisas: olhos, espelho e luz. Se tem espelho e é cego, não se pode ver por falta de olhos; se tem espelhos e olhos, e é de noite, não se pode ver por falta de luz. Logo, há mister¹ luz, há mister espelho e há mister olhos. (Padre Antônio Vieira)

Figuras de Linguagem no Barroco

As figuras de estilo mais comuns nos textos barrocos reforçam a tentativa de apreender a realidade por meio dos sentidos. Observe:

Metáfora: é uma comparação implícita. Tem-se como exemplo o trecho a seguir, escrito por Gregório de Matos:

Se és fogo, como passas brandamente?

Se és neve, como queimas com porfia?

Antítese: reflete a contradição do homem barroco, seu dualismo. Revela o contraste que o escritor vê em quase tudo. Observe a seguir o trecho de Manuel Botelho de Oliveira, no qual é descrita uma ilha, salientando-se seus elementos contrastantes:

Vista por fora é pouco apetecida

Porque aos olhos por feia é parecida;

Porém, dentro habitada

É muito bela, muito desejada,

É como a concha tosca e deslustrosa,

Que dentro cria a pérola formosa.

Paradoxo: corresponde à união de duas ideias contrárias num só pensamento. Opõe-se ao racionalismo da arte renascentista. Veja a estrofe a seguir, de Gregório de Matos:

Ardor em firme Coração nascido;

*pranto por belos olhos derramado;
incêndio em mares de água disfarçado;
rio de neve em fogo convertido.*

Hipérbole: traduz ideia de grandiosidade, pompa. Veja mais um exemplo de Gregório de Matos:

*É a vaidade, Fábio, nesta vida,
Rosa, que da manhã lisonjeada,
Púrpuras mil, com ambição dourada,
Airosa rompe, arrasta presumida.*

Prosopopeia: personificação de seres inanimados para dinamizar a realidade. Observe um trecho escrito pelo Padre Antonio Vieira:

No diamante agradou-me o forte, no cedro o incorruptível, na águia o sublime, no Leão o generoso, no Sol o excesso de Luz.

Como você notou, estudar literatura requer muita atenção e mais do que ler textos, é reconhecer as características de cada um deles.

Você viu até aqui como é importante recordar assuntos como as **figuras de linguagem**. Por esta razão, antes de prosseguir, nosso conselho é que dê outra "paradinha" para estudar as figuras de linguagem que temos em nosso idioma.



Não perca o foco

Algumas dicas de sites para você lembrar as FIGURAS DE LINGUAGEM:

<http://guiadoestudante.abril.com.br/estudar/portugues/resumo-portugues-figuras-linguagem-646762.shtml>

<https://www.youtube.com/watch?v=7gDDnH9sdZI>

Vamos estudar agora alguns dos escritores mais conhecidos do **Barroco** no Brasil

O Barroco foi introduzido no Brasil por intermédio dos jesuítas. Inicialmente, no final do século XVI, tratava-se de um movimento apenas destinado à catequização. A partir do século XVII, o Barroco passa a se expandir para os centros de produção açucareira, especialmente na Bahia, por meio das igrejas. Assim, a função da igreja era ensinar o caminho da religiosidade e da moral a uma população que vivia desregradamente.

Nos séculos XVII e XVIII não havia ainda condições para a formação de uma consciência literária brasileira. A vida social no país era organizada em função de pequenos núcleos econômicos, não existindo efetivamente um público leitor para as obras literárias, o que só viria a ocorrer no século XIX. Por esse motivo, fala-se apenas em autores brasileiros com características barrocas, influenciados por fontes estrangeiras (portuguesa e espanhola), mas que não chegaram a constituir um movimento propriamente dito. Nesse contexto, merecem destaque a poesia de *Gregório de Matos Guerra* e a prosa do padre *Antônio Vieira* representada pelos seus sermões.

Didaticamente, o Barroco brasileiro tem seu marco inicial em 1601, com a publicação do poema épico *Prosopopeia*, de Bento Teixeira.

Conheça a seguir os trechos selecionados:

Prosopopeia

I

Cantem Poetas o Poder Romano,
Sobmetendo Nações ao jugo duro;
O Mantuano pinte o Rei Troiano,
Descendo à confusão do Reino escuro;
Que eu canto um Albuquerque soberano,
Da Fé, da cara Pátria firme muro,

Cujo valor e ser, que o Ceo lhe inspira,
Pode estancar a Lácia e Grega lira.

II

As Délficas irmãs chamar não quero,
que tal invocação é vão estudo;
Aquele chamo só, de quem espero
A vida que se espera em fim de tudo.
Ele fará meu Verso tão sincero,
Quanto fora sem ele tosco e rudo,
Que per rezão negar não deve o menos
Quem deu o mais a míseros terrenos.

Esse poema, além de traçar elogios aos primeiros donatários da capitania de Pernambuco, narra o naufrágio sofrido por um deles, o donatário Jorge Albuquerque Coelho. Apesar de os críticos o considerarem de pouco valor literário, o texto tem seu valor histórico pois foi a primeira obra do Barroco brasileiro e o marco inicial do primeiro estilo de época a surgir no Brasil.

Autores

Gregório de Matos Guerra: o Boca do Inferno



Gregório de Matos Guerra nasceu em Salvador (BA) e morreu em Recife (PE). Estudou no colégio dos jesuítas e formou-se em Direito em Coimbra (Portugal). Recebeu o apelido de Boca do Inferno, graças a sua irreverente obra satírica.

Gregório de Matos firmou-se como o primeiro poeta brasileiro: cultivou a poesia lírica, satírica, erótica e religiosa. O que se conhece de sua obra é fruto de inúmeras pesquisas, pois Gregório não publicou seus poemas em vida. Por essa razão, há dúvidas quanto à autenticidade de muitos textos que lhe são atribuídos.

O poeta religioso

A preocupação religiosa do escritor revela-se no grande número de textos que tratam do tema da salvação espiritual do homem. No soneto a seguir, o poeta ajoelha-se diante de Deus, com um forte sentimento de culpa por haver pecado, e promete redimir-se. Observe:

Soneto a Nosso Senhor

*Pequei, Senhor, mas não porque hei pecado,
Da vossa alta clemência me despido;
Porque quanto mais tenho delinquido
Vos tem a perdoar mais empenhado.
Se basta a voz irar tanto pecado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido:
Que a mesma culpa que vos há ofendido,
Vos tem para o perdão lisonjeado.
Se uma ovelha perdida e já cobrada
Glória tal e prazer tão repentino
Vos deu, como afirmais na sacra história.
Eu sou, Senhor a ovelha desgarrada,
Recobrai-a; e não queirais, pastor divino,
Perder na vossa ovelha a vossa glória.*

O poeta satírico

Gregório de Matos é amplamente conhecido por suas críticas à situação econômica da Bahia, especialmente de Salvador, graças à expansão econômica chegando a fazer, inclusive, uma crítica ao então governador da Bahia Antonio Luis da Camara Coutinho. Além disso, suas críticas à Igreja e a religiosidade presente naquele momento. Essa atitude de subversão por meio das palavras rendeu-lhe o apelido de "Boca do Inferno", por satirizar seus desafetos

Triste Bahia

*Triste Bahia!
Ó quão dessemelhante*

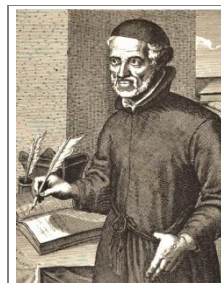
*Estás e estou do nosso antigo estado!
Pobre te vejo a ti, tu a mi abundante.
A ti tricou-te a máquina mercante,
Que em tua larga barra tem entrado,
A mim foi-me trocando e, tem trocado,
Tanto negócio e tanto negociante.*

O poeta lírico

Em sua produção lírica, Gregório de Matos se mostra um poeta angustiado em face à vida, à religião e ao amor. Na poesia lírico-amorosa, o poeta revela sua amada, uma mulher bela que é constantemente comparada aos elementos da natureza. Além disso, ao mesmo tempo que o amor desperta os desejos corporais, o poeta é assaltado pela culpa e pela angústia do pecado.

*À mesma d. Ângela
Anjo no nome, Angélica na cara!
Isso é ser flor, e Anjo juntamente:
Ser Angélica flor, e Anjo florente,*

Padre Antônio Vieira



Padre Antônio Vieira nasceu em Lisboa, em 1608, e morreu na Bahia, em 1697. Com sete anos de idade, veio para o Brasil e entrou para a Companhia de Jesus. Por defender posições favoráveis aos índios e aos judeus, foi condenado à prisão pela Inquisição, onde ficou por dois anos.

Responsável pelo desenvolvimento da prosa no período do barroco, Padre Antônio Vieira é conhecido por seus sermões polêmicos em que critica, entre outras coisas, o despotismo dos colonos portugueses, a influência negativa que o Protestantismo exerceria na colônia, os pregadores que não cumpriam com seu ofício de catequizar e evangelizar (seus adversários católicos) e a própria Inquisição. Além disso, defendia os índios e sua evangelização, condenando

os horrores vivenciados por eles nas mãos de colonos e os cristãos-novos (judeus convertidos ao Catolicismo) que aqui se instalaram. Famoso por seus sermões, padre Antônio Vieira também se dedicou a escrever cartas e profecias.

Mito do Sebastianismo

Com o desenvolvimento do mercado marítimo, Portugal vivenciou um período de ascensão e grandeza. Porém, com o declínio do comércio no Oriente, Portugal viveu uma crise econômica e dinástica. Como consequência, o então rei de Portugal D. Sebastião resolve colocar em prática seu plano de organizar uma cruzada em Marrocos e levando à batalha de Alcacer-Quibir em 1578.

A derrota na batalha e seu desaparecimento (provável morte em batalha), gerou especulações acerca de seu paradeiro. A partir de então, originou-se a crença de que o rei retornaria para transformar Portugal novamente em uma grande potência econômica. Padre Antônio Vieira era um dos que acreditavam no Sebastianismo e, mais adiante, Antônio Conselheiro anunciava o retorno de D. Sebastião nos episódios da Guerra de Canudos.

Os sermões

Escreveu cerca de duzentos sermões em estilo conceptista, isto é, que privilegia a retórica e o encadeamento lógico de ideias e conceitos. Estão formalmente divididos em três partes:

Introito ou Exórdio: a apresentação, introdução do assunto.

Desenvolvimento ou argumento: defesa de uma ideia com base na argumentação.

Peroração: parte final, conclusão.

Seus sermões mais famosos são:

Sermão da Sexagésima (1655):

O sermão, dividido em dez partes, é conhecido por tratar da arte de pregar. Nele, Padre Antônio Vieira condena aqueles que apenas pregam a palavra de Deus de maneira vazia. Para ele, a palavra de Deus era como uma semente, que deveria ser semeada pelo pregador. Por fim, o padre chega à conclusão de que, se a palavra de Deus não dá frutos no plano terreno a culpa é única e exclusivamente dos pregadores que não cumprem direito a sua função. Leia um trecho do sermão:

Ecce exiit qui seminatur, seminare. Diz Cristo que "saiu o pregador evangélico a semear" a palavra divina. Bem parece este texto dos livros de Deus não só faz menção do semear, mas também faz caso do sair: Exiit, porque no dia da messe não nos dá de medir a semente e não nos dá de contar os passos. (...) Entre os semeadores do Evangelho há uns que saem a semear, há outros que

semeiam sem sair. Os que saem a semear são os que vão pregar à Índia, à China, ao Japão; os que semeiam sem sair, são os que se contentam com pregar na Pátria. Todos terão sua razão, mas tudo tem sua conta. Aos que têm a seara em casa, pagar-lhes-ão a semente; aos que vão buscar a seara tão longe, não-lhes dá de medir a semente e não-lhes dá de contar os passos. Ah Dia do Juízo! Ah pregadores! Os de cá, achar-vos-eis com mais paço; os de lá, com mais passos: Exiit seminare. (...) Ora, suposto que a conversão das almas por meio da pregação depende destes três concursos: de Deus, do pregador e do ouvinte, por qual deles devemos entender a falta? Por parte do ouvinte, ou por parte do pregador, ou por parte de Deus? (...)

Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda(1640):

Neste sermão, o padre incita os seguidores a reagir contra as invasões Holandesas, alegando que a presença dos protestantes na colônia resultaria em uma série de depredações à colônia. Leia um trecho do sermão:

Se acaso for assim — o que vós não permitais — e está determinado em vosso secreto juízo, que entrem os hereges na Bahia, o que só vos represento humildemente, e muito deveras, é que, antes da execução da sentença, *repareis bem, Senhor, no que vos pode suceder depois*, e que o consulteis com vosso coração enquanto é tempo, porque melhor será arrepender agora, que quando o mal passado não tenha remédio. Bem estais na intenção e alusão com que digo isto, e na razão, fundada em vós mesmo, que tenho para o dizer. Também antes do dilúvio estáveis vós muito colérico e irado contra os homens, e por mais que Noé orava em todos aqueles cem anos, nunca houve remédio para que se aplacasse vossa ira. Romperam-se enfim as cataratas do céu, cresceu o mar até os cumes dos montes, alagou-se o mundo todo: já estaria satisfeita vossa justiça, senão quando ao terceiro dia começaram a boiar os corpos mortos, e a surgir e aparecer em multidão infinita aquelas figuras pálidas, e então se representou sobre as ondas a mais triste e funesta tragédia que nunca viram os anjos, que homens que a vissem, não os havia.

Sermão de Santo Antônio (1654):

Também conhecido como "O Sermão dos Peixes", pois nele o padre usa a imagem dos peixes como símbolo para fazer uma crítica aos vícios dos colonos portugueses que se aproveitavam da condição dos índios para escravizá-los e sujeitá-los ao seu poder. Leia um trecho do sermão:

Vós, diz Cristo, Senhor nosso, falando com os pregadores, sois o sal da terra: e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção; mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será, ou qual pode ser a causa desta corrupção? (...) Enfim, que havemos de pregar hoje aos peixes? Nunca pior auditório. Ao menos têm os peixes duas boas qualidades de ouvintes: ouvem e não falam. Uma só cousa pudera desconsolar o Pregador, que é serem gente os peixes que se não há-de converter. Mas esta dor é tão ordinária, que já pelo costume quase se não sente (...)

Suposto isto, para que procedamos com clareza, dividirei, peixes, o *vosso sermão em dois* pontos: no primeiro louvar-vos-ei as vossas atitudes, no segundo repreender-vos-ei os vossos vícios. (...)

O poeta erótico

Também alcunhado de profano, o poeta exalta a sensualidade e a volúpia das amantes que conquistou na Bahia, além dos escândalos sexuais envolvendo os conventos da cidade.

Necessidades Forçadas da Natureza Humana

*Descarto-me da tronga, que me chupa,
Corro por um conchego todo o mapa,
O ar da feia me arrebatava a capa,
O gadanho da limpa até a garupa.
Busco uma freira, que me desemtupa
A via, que o desuso às vezes tapa,
Topo-a, topando-a todo o bolo rapa,
Que as cartas lhe dão sempre com chalupa.
Que hei de fazer, se sou de boa cepa,
E na hora de ver repleta a tripa,
Darei por quem mo vaze toda Europa?
Amigo, quem se alimpa da carepa,
Ou sofre uma muchacha, que o dissipa,
Ou faz da mão sua cachopa.*



Nossa aula sobre Barroco tomou como referência o site www.soliteratura.com.br/barroco/

Muito bem.... Ao ver este botão, você já deve ter se acostumado ao que vamos sugerir antes de partirmos para os exercícios. Não?

Recapitulando

Vamos verificar nosso conhecimento sobre o Quinhentismo:

1. Por que dizemos que o Barroco é um período artístico de expressões contraditórias? O que levou os artistas daquela época a expressar seus sentimentos desta maneira?

2. Escolha a alternativa que completa de forma correta a frase abaixo:

A linguagem _____, o paradoxo, _____ e o registro das impressões sensoriais são recursos linguísticos presentes na poesia _____.

- (A) simples; a antítese; parnasiana.
- (B) rebuscada; a antítese; barroca.
- (C) objetiva; a metáfora; simbolista.
- (D) subjetiva; o verso livre; romântica.
- (E) detalhada; o subjetivismo; simbolista.

3. Assinale a alternativa **incorreta**:

- (A) Na obra de José de Anchieta, encontram-se poesias que seguem a tradição medieval e textos para teatro com clara intenção catequista.
- (B) A literatura informativa do Quinhentismo brasileiro empenha-se em fazer um levantamento da terra, daí ser predominantemente descritiva.
- (C) A literatura seiscentista reflete um dualismo: o ser humano dividido entre a matéria e o espírito, o pecado e o perdão.
- (D) O Barroco apresenta estados de alma expressos através de antíteses, paradoxos, interrogações.
- (E) O conceptismo caracteriza-se pela linguagem rebuscada, culta, extravagante, enquanto o cultismo é marcado pelo jogo de ideias, seguindo um raciocínio lógico, racionalista.

4. Com referência ao Barroco, todas as alternativas são corretas, exceto:
- (A) O Barroco estabelece contradições entre espírito e carne, alma e corpo, morte e vida.
 - (B) O homem centra suas preocupações em seu próprio ser, tendo em vista seu aprimoramento, com base na cultura greco-romana.
 - (C) O Barroco apresenta, como característica marcante, o espírito de tensão, conflito entre tendências opostas: de um lado, o teocentrismo medieval; de outro, o antropocentrismo renascentista.
 - (D) A arte barroca é vinculada à Contrarreforma.
 - (E) O barroco caracteriza-se pela sintaxe obscura, uso de hipérbole e de metáforas.
5. Assinale o texto que, pela linguagem e pelas ideias, pode ser considerado como representante da corrente barroca.
- (A) "Brando e meigo sorriso se deslizava em seus lábios; os negros caracóis de suas belas madeixas brincavam, mercê do Zéfiro, sobre suas faces... e ela também suspirava."
 - (B) "De súbito, porém, as lancinantes incertezas, as brumosas noites pesadas de tanta agonia, de tanto pavor de morte, desfaziam-se, desapareciam completamente como os tênues vapores de um letargo..."
 - (C) "Os sinos repicavam numa impaciência alegre. Padre Antônio continuou a caminhar lentamente, pensando que cem vezes estivera a cair, cedendo à fatalidade da herança e à influência do meio que o arrastavam para o pecado."
 - (D) "Estiadas amáveis iluminavam instantes de céus sobre ruas molhadas de pipilos nos arbustos dos squares. Mas a abóbada de garoa desabava os quarteirões."
 - (E) "Ah! Peixes, quantas invejas vos tenho a essa natural irregularidade! A vossa bruteza é melhor que o meu alvedrio. Eu falo, mas vós não ofendeis a Deus com as palavras: eu lembro-me, mas vós não ofendeis a Deus com a memória: eu discorro, mas vós não ofendeis a Deus com o entendimento: eu quero, mas vós não ofendeis a Deus com a vontade."
6. Sobre cultismo e conceptismo, os dois aspectos construtivos do Barroco, assinale a única alternativa **incorreta**:
- (A) O cultismo opera através de analogias sensoriais, valorizando a identificação dos seres por metáforas. O conceptismo valoriza a atitude intelectual, a argumentação.
 - (B) Cultismo e conceptismo são partes construtivas do Barroco que não se excluem. É possível localizar no mesmo autor e no mesmo texto os dois elementos.
 - (C) O cultismo é perceptível no rebuscamento da linguagem, pelo abuso no emprego de figuras semânticas, sintáticas e sonoras. O conceptismo valoriza a atitude intelectual, o que se concretiza no discurso pelo emprego de sofismas, silogismos, paradoxos, etc.
 - (D) O cultismo na Espanha, Portugal e Brasil é também conhecido como gongorismo e seu mais ardente defensor, entre nós, foi o Pe. Antônio Vieira, que, no Sermão da Sexagésima, propõe a primazia da palavra sobre a ideia.
 - (E) Os métodos cultistas mais seguidos por nossos poetas foram os de Gôngora e Marini e o conceptismo de Quevedo foi o que maiores influências deixou em Gregório de Matos.

Quanto já estudamos, não é verdade? Estamos ainda lá pelos séculos XVII e XVIII. Mas não desanime. Conhecer a literatura é entender muito da história da humanidade. E, no nosso caso, muito do nosso país.

ARCADISMO

Vamos começar a nossa aula com algumas perguntas?

Pense antes de responder:



1 - Que outros nomes pode ter o Arcadismo?

2 - Por que o nome "Arcadismo" para este período literário?

Vamos às respostas.

Com elas estamos começando a nossa aula.

Pergunta nº 1

O Arcadismo será um período literário localizado temporalmente no século XVIII (no Brasil, mais na segunda metade do século). Assim sendo, se estamos tratando a partir dos anos de 1700, o Arcadismo também é conhecido como **Setecentismo**.

Como é um movimento que surge após toda a efervescência dos conflitos barrocos entre razão e emoção, homem e Deus, corpo e espírito, etc., veremos surgir uma revalorização das abordagens "clássicas" de visão de mundo. Sendo um retorno ao clássico, o Arcadismo também é conhecido como **Neoclacissismo**.

Pergunta nº 2

Se é um retorno ao "clássico", o próprio nome faz referência à **Arcádia**, região do sul da Grécia (cidade assim nomeada em homenagem ao semideus **Arcas** (filho de *Zeus* e *Calisto*).

Uma referência clara à mitologia grega que perpassa o movimento, logo um retorno ao clássico.

Contexto histórico

O que estava acontecendo no mundo para que o cenário mudasse? Para que a arte expressasse de forma diferente do período anterior a visão de mundo?

Vemos surgirem as primeiras ideias do Iluminismo, que, diferente da angústia barroca entre emoção e razão, valorizava o racionalismo, o progresso e as ciências.

A Independência dos Estados Unidos, em 1776, abriu caminho para a conscientização dos valores de liberdade e levou também a vários movimentos de independência ao longo de toda a América, inclusive no Brasil, que vivenciou inúmeras revoluções e inconfidências até a chegada da Família Real em 1808.

Como se pode notar, o movimento neoclássico tem características reformistas, questiona as formas de arte e ensino, propondo novos valores a eles, aos hábitos e às atitudes daquela época.

Vimos uma a classe aristocrática em declínio, as riquezas se esvaíram e deram lugar a uma nova organização econômica liderada pelo pensamento burguês.

No Brasil, se os textos produzidos no período Quinhentismo sofreram influência direta de Portugal e os do Barroco, da cultura espanhola, os do Arcadismo foram influenciados pela cultura francesa devido aos acontecimentos movidos pela burguesia que sacudiram toda a Europa (e o mundo Ocidental).

Toda esta forma de repensar os valores e confrontá-los com os do século anterior, trouxeram para o Brasil dois tipos de Arcadismo, como nos mostra o professor Alfredo Bosi (in.: História Concisa da Literatura Brasileira):

- a) **poético**: retorno à tradição clássica com a utilização dos seus modelos, e valorização da natureza e da mitologia.
- b) **ideológico**: influenciados pela filosofia presente no Iluminismo, que traduz a crítica da burguesia culta aos abusos da nobreza e do clero.

Seus principais autores são:

Claudio Manuel da Costa

Tomás Antônio Gonzaga

Basílio da Gama

Santa Rita Durão

No Brasil, o início do **Arcadismo** é

1768 com a publicação da coletânea de poemas intitulada "Obras" do poeta Claudio Manuel da Costa.

Arcádia Ultramarina

Na atual cidade de Outro Preto, Minas Gerais, chamada na época de Vila Rica, nasceu uma sociedade literária fundada na cidade de Vila Rica (MG). Não se sabe ao certo a data de fundação desta sociedade, mas é possível afirmar que foi ante de 1769 e que foi influenciada pela Arcádia italiana (fundada em 1690). No Brasil, os membros da Arcádia Ultramarina adotavam pseudônimos (nomes artísticos) de pastores cantados na poesia grega ou latina. Por isso que alguns dos principais nomes do Arcadismo brasileiro publicavam suas obras com nomes inspirados na mitologia grega e romana.

Principais características do nosso Arcadismo

- inspiração nos modelos clássicos greco-latinos e renascentistas, como por exemplo, em O Uruguai (gênero épico), em Marília de Dirceu (gênero lírico) e em Cartas Chilenas (gênero satírico);
- influência da filosofia francesa;
- mitologia pagã como elemento estético;
- *o bom selvagem* (expressão do filósofo Jean-Jacques Rousseau) que denota a pureza dos nativos da terra fazem menção à natureza e à busca pela vida simples, bucólica e pastoril;
- *tensão entre o burguês culto, da cidade, contra a aristocracia*;
- **pastoralismo**: poetas simples e humildes;
- **bucolismo**: busca pelos valores da natureza;
- **nativismo**: referências à terra e ao mundo natural;
- **tom confessional**;
- estado de espírito de **espontaneidade dos sentimentos**;
- exaltação da **pureza**, da **ingenuidade** e da **beleza**.

Escritores Árcades

O poeta mineiro Cláudio Manuel da Costa (1729-1789)

Conhecido como o "guardador de rebanhos" **Glauceste Satúrnio**, seu pseudônimo, Cláudio Manuel da Costa nasceu na cidade de Mariana (antiga Vila do Ribeirão do Carmo). Estudou Direito em Coimbra, Portugal, onde travou contato com as principais ideias do **Iluminismo**. Ao retornar

ao Brasil, fundou a **Arcádia Ultramarina**. Homem rico e de posses, influenciou a elite intelectual de sua época. Também participou do movimento pela libertação do Brasil – a Inconfidência Mineira. Por isto, foi preso e encontrado enforcado na cadeia em 1789.

Os temas iniciais de sua obra giram em torno das reflexões morais e das contradições da vida com forte inspiração nos modelos barrocos.

Posteriormente, dedicou-se à poesia bucólica e pastoril na qual a natureza funciona como um refúgio para o poeta que busca a vida longe da cidade e reflete as angústias e o sofrimento amoroso com sua musa inacessível Nise. Estes poemas fazem parte do conjunto intitulado "*Obras*", por nós aqui já mencionada anteriormente.

Cláudio Manuel da Costa também se dedicou à exaltação dos bandeirantes, fundadores de inúmeras cidades da região mineradora e desbravadores do interior do país e de contar a história da cidade de Ouro Preto no poemeto épico Vila Rica(1773).

Veja um exemplo de sua poesia bucólica:

Eu ponho esta sanfona, tu, Palemo,

Porás a ovelha branca, e o cajado;

E ambos ao som da flauta magoado

Podemos competir de extremo a extremo.

Principia, pastor; que eu te não temo;

Inda que sejas tão avantajado

No cântico amebeu: para louvado

Escolhamos embora o velho Alcemo.

Que esperas? Toma a flauta, principia;

Eu quero acompanhar te; os horizontes

Já se encham de prazer, e de alegria:

Parece, que estes prados, e estas fontes

Já sabem, que é o assunto da porfia

Nise, a melhor pastora destes montes.

De sua poesia épica podemos ver:

Vila Rica

Canto VI

Levados de fervor, que o peito encerra

Vês os Paulistas, animosa gente,

Que ao Rei procuram do metal luzente

Co'as próprias mãos enriquecer o erário.

Arzão é este, é Este, o temerário,

Que da Casca os sertões tentou primeiro:

Vê qual despreza o nobre aventureiro,

Os laços e as traições, que lhe prepara

Do cruento gentio a fome avara.

Vejamos outro escritor arcáde:

Seu trabalho mais conhecido é o Caramuru: Poema épico do descobrimento da Bahia(1781) queremonta ao tempo em que os primeiros europeus chegaram ao Brasil e estiveram em contato com os nativos.

Caramuru é o nome dado ao português **Diogo Álvares Correia** que passa a viver entre os índios Tupinambás após sobreviver a um naufrágio no litoral baiano.

Considerado um herói "cultural", que ensinou as leis e as virtudes aos "bárbaros" que aqui viviam, ganhou o respeito dos índios ao disparar uma arma de fogo. Os índios, assustados, equiparam-no a Tupã e passaram a respeitá-lo como uma entidade enviada à terra.

Caramuru se encantou com Paraguaçu, a bela índia de pele branca. Já instalado na tribo, Diego percebeu a possibilidade de difundir a fé cristã para os índios, doutrinando-os após ter encontrado uma gruta que se assemelharia a uma igreja.

Mais adiante, Diego ajudou a resgatar a tripulação de um barco espanhol que havia naufragado e vê a possibilidade de retornar à Europa através da nau francesa que viera resgatar aquela tripulação. Parte, com Paraguaçu, deixando para trás as belas índias que haviam se apaixonado por ele, incluindo Moema, a mais bela, que atira-se ao mar em direção ao navio na tentativa de alcançar o seu amado. Ao chegar na Europa, Paraguaçu é batizada de Catarina, ambos são festejados e recebem as honras da realeza lusitana.

O poema segue a estrutura dos versos utilizados por Camões e da epopeia clássica, com fortes influências da mitologia grega: composto por 10 cantos, versos decassílabos, oitava rima camoniana. Segue também com a divisão tradicional das epopeias: proposição, invocação, dedicatória, narração e epílogo.

| | |
|------------------------------|--|
| Santa Rita Durão (1722-1784) | José de Santa Rita Durão nasceu em Cata-Preta, nas proximidades de Mariana em Minas Gerais. Ingressa na Ordem de Santo Agostinho, em Portugal, e lá permanece até sua morte em 1784. |
|------------------------------|--|

Conheça um trecho do poema épico em que é narrada a morte da índia Moema, uma das mais belas cenas já descritas na literatura brasileira:



Canto VI

XXXVII

*Copiosa multidão da nau francesa
Corre a ver o espetáculo assombrada;
E, ignorando a ocasião de estranha empresa,
Pasma da turba feminil que nada.
Uma, que às mais precede em gentileza,
Não vinha menos bela do que irada;*

*Era Moema, que de inveja geme,
E já vizinha à nau se apega ao leme.*

XXXVIII

*"- Bárbaro (a bela diz), tigre e não homem...
Porém o tigre, por cruel que brame,
Acha forças amor que enfim o domem;
Só a ti não domou, por mais que eu te ame.
Fúrias, raios, coriscos, que o ar consomem.
Como não consumis aquele infame?
Mas apagar tanto amor com tédio e asco...
Ah que o corisco és tu... raio... penhasco?
(...)*

XLI

*Enfim, tens coração de ver-me aflita,
Flutuar moribunda entre estas ondas;
Nem o passado amor teu peito incita
A um ai somente com que aos meus respondas!
Bárbaro, se esta fé teu peito irrita,
(Disse, vendo-o fugir), ah não te escondas!
Dispara sobre mim teu cruel raio..."
E indo a dizer o mais, cai num desmaio.*

XLII

Perde o lume dos olhos, pasma e treme,

*Pálida a cor, o aspecto moribundo;
Com mão já sem vigor, soltando o leme,
Entre as salsas escumas desce ao fundo.
Mas na onda do mar, que irado freme,
Tornando a aparecer desde o profundo,
- Ah! Diogo cruel! - disse com mágoa,
E, sem mais vista ser, sorveu-se n'água.*

| | |
|-----------------------------|--|
| Basílio da Gama (1741-1795) | José Basílio da Gama nasceu em 1741 na cidade de São José do Rio das Mortes, atual Tiradentes, em Minas Gerais. Falece em Lisboa no dia 31 de julho de 1795. |
|-----------------------------|--|

Estudou, no Rio de Janeiro, no Colégio dos Jesuítas e era noviço quando os jesuítas foram expulsos do país. Exilou-se na Itália e filiou-se à Arcádia Romana, sob o pseudônimo de **Termino Sipílio**. É preso por jesuitismo, em Lisboa, e enviado para Angola, livrando-se do exílio ao escrever um poema para a filha do Marquês de Pombal.

Em 1769 publica o poema épico O Uruguai, criticando os jesuítas e defendendo a política do Marquês de Pombal que o transforma em oficial da Secretaria do Reino. A crítica recaía no fato de que os jesuítas não defendiam os índios, apenas pretendiam falsamente libertá-los e usar a mão de obra indígena para proveito próprio.

Em 1750, com o Tratado de Madrid, a missão dos Sete Povos passaria aos portugueses enquanto que Colônia de Sacramento, no Uruguai, passaria para os espanhóis. O poema narra a luta dos portugueses contra os índios das Missões (instigados pelos jesuítas espanhóis) que se recusam a sair de suas terras, dando início aos conflitos conhecidos como as Guerra Guaranítica (1754-56).

A crítica recai, principalmente, sobre o personagem Balda, padre jesuíta que encarna o mal. Corrupto e desleal, seduz uma índia e tem um filho com ela, Baldeta. Na aldeia moram também o chefe da tribo Cacambo e sua mulher Lindóia, casal que representa a força do guerreiro e a beleza

e delicadeza da índia. Balda quer forçar Lindóia a se casar com Baldeta, enviando Cacambo para as batalhas na esperança de que o índio morra para uni-la a seu filho.

No Canto II, Basílio da Gama relata o encontro entre os caciques Sepé Tiaraju e Cacambo com o comandante português Gomes Freire de Andrada, ocorrido às margens do rio Uruguai (chamado então de "Uruguai"). O comandante tenta estabelecer um acordo com os índios, sem sucesso, dando início aos combates.

O cacique Sepé Tiaraju lidera a disputa e acaba morto. Cacambo, seu sucessor, é capturado e descobre que o perigo estava o tempo todo na mão dos jesuítas. Os portugueses, então, permitem que ele retorne a sua aldeia para alertar seus companheiros contra os perigos dos jesuítas. De volta, o valente guerreiro é envenenado por Balda e Lindóia, vendo-se forçada a casar com Baldeta, comete suicídio, deixando-se picar por uma cobra venenosa.



Alguns críticos literários sustentam que Basílio da Gama é o homem do fim do século XVIII "cujos valores pré-liberais prenunciam a Revolução e se manteriam com o idealismo romântico". Assim, pode-se dizer que **O Uruguai** prenuncia muitos dos aspectos que serão desenvolvidos durante o movimento do Romantismo.

Características principais do poema

- exaltação da natureza e do "bom selvagem", atribuindo aos jesuítas a culpa pelo envolvimento dos índios na luta;
- rompimento da estrutura poética camoniana;
- inovação no gênero épico: versos decassílabos brancos, isto é, sem rima, sem divisão de estrofes e divididos em apenas cinco cantos;
- ao contrário da tradição épica, o poema conta um acontecimento recente na história do país;
- inicia o poema pela narração;
- discursos permeados por ideias iluministas;

A cena da morte de Lindóia mostra as características típicas do movimento árcade:

Canto IV

(...)

*Cansada de viver, tinha escolhido
Para morrer a mísera Lindóia.
Lá reclinada, como que dormia,
Na branda relva e nas mimosas flores,
Tinha a face na mão, e a mão no tronco
De um fúnebre cipreste, que espalhava
Melancólica sombra. Mais de perto
Descobrem que se enrola no seu corpo
Verde serpente, e lhe passeia, e cinge
Pescoço e braços, e lhe lambe o seio.
Fogem de a ver assim, sobressaltados,
E param cheios de temor ao longe;
E nem se atrevem a chamá-la, e temem
Que desperte assustada, e irrite o monstro,
E fuja, e apresse no fugir a morte.
Porém o destro Caitutu, que treme
Do perigo da irmã, sem mais demora
Dobrou as pontas do arco, e quis três vezes
Soltar o tiro, e vacilou três vezes
Entre a ira e o temor. Enfim sacode
O arco e faz voar a aguda seta,
Que toca o peito de Lindóia, e fere
A serpente na testa, e a boca e os dentes
Deixou cravados no vizinho tronco.
Açouta o campo co' a ligeira cauda
O irado monstro, e em tortuosos giros
Se enrosca no cipreste, e verte envolto
Em negro sangue o lívido veneno.
Leva nos braços a infeliz Lindóia
O desgraçado irmão, que ao despertá-la*

*Conhece, com que dor! no frio rosto
Os sinais do veneno, e vê ferido
Pelo dente sutil o brando peito.
Os olhos, em que Amor reinava, um dia,
Cheios de morte; e muda aquela língua
Que ao surdo vento e aos ecos tantas vezes
Contou a larga história de seus males.
Nos olhos Caitutu não sofre o pranto,
E rompe em profundíssimos suspiros,
Lendo na testa da fronteira gruta
De sua mão já trêmula gravado
O alheio crime e a voluntária morte.
E por todas as partes repetido
O suspirado nome de Cacambo.
Inda conserva o pálido semblante
Um não sei quê de magoado e triste,
Que os corações mais duros entenece
Tanto era bela no seu rosto a morte!*

Quem foi Sepé Tiaraju?

Importante personagem na história do país, o Sepé Tiaraju é retratado em O Uruguai como um guerreiro defensor de seu território na tentativa de impedir que os portugueses se apropriassem de suas terras e de seus gados. Morto em batalha, quando lutava contra a decisão que dava as terras aos portugueses, o índio é considerado um herói nacional, sendo nomeado "herói guarani missionário rio-grandense", e também santo popular por algumas religiões brasileiras.



Merecido descanso antes dos exercícios.

Recapitulando

Vamos verificar nosso conhecimento sobre o Quinhentismo:

1. O Arcadismo, didaticamente, inicia-se, no Brasil, em 1768:

- (A) com a fundação de Arcádia de Lusitana.
- (B) com a publicação do poema O Uruguai.
- (C) com a publicação dos poemas de Cláudio Manuel da Costa (em Lisboa) e pela fundação da Arcádia Ultramarina.
- (D) pela vinda da família real para o Brasil.
- (E) nenhuma das anteriores.

2. Sobre o Arcadismo brasileiro só não se pode afirmar que:

- (A) tem suas fontes nos antigos grandes autores gregos e latinos, dos quais imita os motivos e formas.
- (B) teve em Cláudio Manuel da Costa o representante que, de forma original, recusou a motivação bucólica e os modelos camonianos da lírica amorosa.
- (C) nos legou os poemas de feição épica Caramuru (de Frei José de Santa Rita Durão) e O Uruguai (de Basílio da Gama), no qual se reconhece qualidade literária destacada em relação ao primeiro.
- (D) norteou, em termos dos valores estéticos básicos, a produção dos versos de Marília de Dirceu, obra que celebrou Tomás Antônio Gonzaga e que destaca a originalidade de estilo e de tratamento local dos temas pelo autor.
- (E) apresentou uma corrente de conotação ideológica, envolvida com as questões sociais do seu tempo, com a crítica aos abusos de poder da Coroa Portuguesa.

3. Uma das afirmações abaixo é incorreta. Assinale-a:

- (A) O escritor árcade reaproveita os seres criados pela mitologia greco-romana, deuses e entidades pagãs. Mas esses mesmos deuses convivem com outros seres do mundo cristão.

- (B) A produção literária do Arcadismo brasileiro constitui-se sobretudo de poesia, que pode ser lírico-amorosa, épica e satírica.
- (C) O árcade recusa o jogo de palavras e as complicadas construções da linguagem barroca, preferindo a clareza, a ordem lógica na escrita.
- (D) O poema épico Caramuru, de Santa Rita Durão, tem como assunto o descobrimento da Bahia, levado a efeito por Diogo Álvares Correia, misto de missionários e colonos portugueses.
- (E) A morte de Moema, índia que se deixa picar por uma serpente, como prova de fidelidade e amor ao índio Balda, é trecho mais conhecido da obra O Uruguai, de Basílio da Gama.

4. Na poesia arcádica ou neoclássica, NÃO se encontra...

- (A) a influência das ideias iluministas.
- (B) a valorização do campo em detrimento da cidade.
- (C) a ênfase na interpretação subjetiva da realidade.
- (D) o retorno aos ideais greco-latinos.
- (E) a adoção de pseudônimos pelos poetas, que se figuravam pastores.

5. Antes de marcar a opção correta com relação à pergunta que se segue, leia o fragmento do poema "Marília de Dirceu", de Tomás Antônio Gonzaga.

Não toques, minha musa, não, não toques

Na sonora lira,

Que às almas, como a minha, namoradas

Doces canções inspira:

Assopra no clarim que apenas soa,

Enche de assombro a terra!

Naquele, a cujo som cantou Homero,

Cantou Virgílio a guerra.

"Marília de Dirceu" apresenta um dos principais traços do arcadismo. A opção que aponta esta característica temática, presente no texto, é:

- (A) o bucolismo.
- (B) a presença de valores ou elementos clássicos.
- (C) o pessimismo e negatividade.
- (D) a fixação do momento presente.
- (E) a descrição sensual da mulher amada.

6. Basilo da Gama, em seu poema épico, tenta conciliar a louvação do Marquês de Pombal e o heroísmo do índio. Afasta-se do modelo de Os Lusíadas e emprega como maravilhoso o fetichismo indígena.

São heróis desse poema:

- (A) Cacambo, Lindóia, Moema
- (B) Diogo Álvares Correia, Paraguaçu, Moema
- (C) Diogo Álvares Correia, Paraguaçu, Tanajura
- (D) Cacambo, Lindóia, Gomes Freire de Andrade
- (E) n.d.a.

Resumamos um pouco sobre a dinâmica dos períodos literários estudados. Você consegue perceber que há uma “certa” alternância entre um período mais voltado para as questões racionais e o seguinte que busca mais as expressões sentimentais?

Pois bem, o Arcadismo (nossa aula anterior), tendo a influência das ideias iluministas, foi um momento histórico que valorizava a razão como um dos componentes importantes das artes (arte como expressão do homem no mundo em que vive).

Se assim foi, o próximo estilo a ser estudado não se oporá à razão, mas, certamente, dará mais ênfase ao “sentir” a vida e, com isso, externar mais as emoções.

Preparado? Vamos a isto então !

ROMANTISMO I

Consideramos o Romantismo mais que um estilo literário. É, na verdade, um período cultural como um todo, onde a arte (em suas mais variadas formas de expressões) denota um momento da história da humanidade.

Cronologicamente falando, o Romantismo se inicia na Europa no final do século XVIII, e se espalha pelo mundo até o final do século XIX.

Podemos considerar como “berço” do movimento três países: Itália, Alemanha e Inglaterra.

Mas será na França, que o Romantismo ganhará força como em nenhum outro país e, através dos artistas franceses, os ideais românticos se difundiram pela Europa e pela América.

As características principais deste período são:

- valorização das emoções,
- liberdade de criação,
- amor platônico,
- temas religiosos,
- individualismo,
- nacionalismo e história.

Vejamos algumas marcas importantes em algumas expressões artísticas do período:

Nas Artes Plásticas

Nas artes plásticas, o romantismo deixou importantes marcas. Artistas como o espanhol Francisco Goya e o francês Eugène Delacroix são os maiores representantes da pintura desta fase. Estes artistas representavam a natureza, os problemas sociais e urbanos, valorizavam as emoções e os sentimentos em suas obras de arte. Na Alemanha, podemos destacar as obras místicas de Caspar David Friedrich, enquanto na Inglaterra John Constable traçava obras com forte crítica à urbanização e aos problemas gerados pela Revolução Industrial.

Literatura

Foi através da poesia lírica que o romantismo ganhou formato na literatura dos séculos XVIII e XIX. Os poetas românticos usavam e abusavam das metáforas, palavras estrangeiras, frases diretas e comparações. Os principais temas abordados eram: amores platônicos, acontecimentos históricos nacionais, a morte e seus mistérios. As principais obras românticas são: Cantos e Inocência do poeta inglês William Blake, Os Sofrimentos do Jovem Werther e Fausto do alemão Goethe, Baladas Líricas do inglês William Wordsworth e diversas poesias de Lord Byron. Na França, destaca-se Os Miseráveis de Victor Hugo e Os Três Mosqueteiros de Alexandre Dumas.

Música

Na música ocorre a valorização da liberdade de expressão, das emoções e a utilização de todos os recursos da orquestra. Os assuntos de cunho popular, folclórico e nacionalista ganham importância nas músicas.

Podemos destacar como músicos deste período: Ludwig van Beethoven (suas últimas obras são consideradas românticas), Franz Schubert, Carl Maria von Weber, Felix Mendelssohn, Frédéric Chopin, Robert Schumann, Hector Berlioz, Franz Liszt e Richard Wagner.

Teatro

Na dramaturgia o Romantismo se manifesta valorizando a religiosidade, o individualismo, o cotidiano, a subjetividade e a obra de William Shakespeare. Os dois dramaturgos mais conhecidos desta época foram Goethe e Friedrich von Schiller. Victor Hugo também merece destaque, pois levou várias inovações ao teatro. Em Portugal, podemos destacar o teatro de Almeida Garrett.

E a realidade do Brasil? Como se desenvolveu o Romantismo em nosso país?

Em nossa terra, inicia-se em 1836 com a publicação, na França, da *Nichteroy* - Revista Brasileira, por Gonçalves de Magalhães. Neste período, nosso país ainda vivia sob a euforia da Independência do Brasil. Os artistas brasileiros buscaram sua fonte de inspiração na natureza e nas questões sociais e políticas do país. As obras brasileiras valorizavam o amor sofrido, a religiosidade cristã, a importância de nossa natureza, a formação histórica do nosso país e o cotidiano popular.

Artes Plásticas

As obras dos pintores brasileiros buscavam valorizar o nacionalismo, retratando fatos históricos importantes. Desta forma, os artistas contribuíam para a formação de uma identidade nacional. As obras principais deste período são : A Batalha do Avaí de Pedro Américo e A Batalha de Guararapes de Victor Meirelles.

Literatura

No ano de 1836 é publicado no Brasil *Suspiros Poéticos e Saudades* de Gonçalves de Magalhães. Esse é considerado o ponto de largada deste período na literatura de nosso país. Essa fase literária foi composta de três gerações:

1ª Geração – conhecida também como nacionalista ou indianista, pois os escritores desta fase valorizaram muito os temas nacionais, fatos históricos e a vida do índio, que era apresentado como " bom selvagem" e, portanto, o símbolo cultural do Brasil. Destaca-se nesta fase os seguintes escritores: Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias, Araújo Porto Alegre e Teixeira e Souza.

2ª Geração – conhecida como Mal do século, Byroniana ou fase ultra-romântica. Os escritores desta época retratavam os temas amorosos levados ao extremo e as poesias são marcadas por um profundo pessimismo, valorização da morte, tristeza e uma visão decadente da vida e da sociedade. Muitos escritores deste período morreram ainda jovens. Podemos destacar os seguintes escritores desta fase: Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu e Junqueira Freire.

3ª Geração – conhecida como geração condoreira, poesia social ou hugoana. Seus textos são marcados por crítica social. Castro Alves, o maior representante desta fase, criticou de forma direta a escravidão no poema *Navio Negreiro*.

Música

A emoção, o amor e a liberdade de viver são os valores retratados nas músicas desta fase. O nacionalismo, nosso folclore e assuntos populares servem de inspiração para os músicos. *O Guarani* de Carlos Gomes é a obra musical de maior importância desta época.

Teatro

Assim como na música e na literatura os temas do cotidiano, o individualismo, o nacionalismo e a religiosidade também aparecem na dramaturgia brasileira desta época. Em 1838, é encenada a primeira tragédia de Gonçalves de Magalhães: *Antônio José, ou o Poeta e a Inquisição*. Também podemos destacar a peça *O Noviço* de Martins Pena.



(Primeira Missa no Brasil – Vitor Meireles)

Agora que já demos um panorama sobre o Romantismo, vamos estudá-lo mais detalhadamente.

Voltando um pouco antes, no tempo, vejamos alguns **precedentes** do Romantismo

Período de Transição (1808-1836)

Simultaneamente ao final das últimas produções do movimento **árcade**, ocorreu a vinda da Família Real portuguesa para o Brasil. Esse acontecimento, no ano de 1808, significou o início do processo de Independência da Colônia.

Assim sendo, o período compreendido entre 1808 e 1836 é considerado como transição na literatura brasileira devido à transferência do poder de Portugal para as terras brasileiras que trouxe consigo, além da corte e da realeza, as novidades e modelos literários do Velho Continente nos moldes franceses e ingleses.

Houve também a mudança de foco artístico e cultural, da Bahia para o Rio de Janeiro, capital da colônia desde o ano de 1763.

Vejamos o que nos diz o professor Antônio Cândido sobre isto:

No Brasil não havia universidades, nem tipografias, nem periódicos. Além da primária, a instrução se limitava à formação de clérigos e ao nível que hoje chamamos secundário, as bibliotecas eram

poucas e limitadas aos conventos, o teatro era paupérrimo, e muito fraco o intercâmbio entre os núcleos povoados do país, sendo difícil a entrada de livros.

O que explica o desenvolvimento literário incipiente, se comparado com o mesmo período na metrópole. Os autores vistos até então eram produto da educação europeia e/ou religiosa que receberam.

Com a vinda da Família Real, os livros puderam ser impressos no território brasileiro, em função da Imprensa Régia, derrubando a medida que proibia sua impressão e difusão sem a autorização prévia de Portugal, dando início não apenas ao desenvolvimento da literatura mas, também, a um sentimento de nacionalidade no território, uma das principais características do período romântico brasileiro.

Contexto Histórico na Europa



(A Liberdade Guiando o Povo (1830), de Eugène Delacroix)

O final do século XVIII presenciou a ascensão da **tipografia**, inventada pelo alemão Johannes **Gutenberg**, que possibilitou o desenvolvimento da impressão em grandes quantidades de jornais e romances.

No início, os romances eram publicados diariamente nos jornais de forma fragmentada, assim, a cada dia um novo capítulo da história era revelada. Esse esquema, importado para a colônia, ficou conhecido como "**folhetim**" ou "**romance de folhetim**" e deu origem às telenovelas que conhecemos nos dias de hoje.

Assim, com a **Revolução da Imprensa**, uma das principais características do período Moderno, houve também a ascensão dos romances impressos, popularizando o artefato (o livro não era mais considerado um artigo de luxo, inacessível) e proporcionando um largo alcance da literatura às camadas inferiores da sociedade e também às mulheres, que raramente tinham acesso às letras e, quando muito, eram alfabetizadas.

Considera-se o marco inicial do romantismo na Europa a publicação do romance ***Os sofrimentos do jovem Werther***, do escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe no ano de 1774.

Historicamente, um dos marcos principais do movimento foi a **Revolução Francesa**, responsável pela difusão dos pensamentos Iluministas na Europa e nas suas colônias, que tanto inspirou os poetas árcades brasileiros.

Com o processo de **industrialização** dos grandes centros, houve um delineamento das classes sociais: a burguesia, com riquezas provenientes do comércio, e os operários das indústrias. Logo, a literatura do período foi produzida pela classe dominante e para a classe dominante, deixando claro qual a **ideologia** defendida por seus autores.

Romantismo no Brasil

Considera-se que o período romântico no Brasil inicia em **1836**, com a publicação da obra ***Suspiros Poéticos e Saudades***, do poeta Gonçalves de Magalhães e vai até o ano de **1881**, com a publicação do romance realista ***Memórias Póstumas de Brás Cubas*** de Machado de Assis.

Como já vimos, o desenvolvimento da literatura brasileira propriamente dita aconteceu a partir da vinda da Família Real para o Rio de Janeiro que possibilitou expressão artística e cultural na colônia, agora afinado com a produção literária europeia. Porém, a insatisfação das classes dominantes com o Império fez com que surgissem tentativas de independência da metrópole, produzindo um **sentimento de nacionalismo** que culminaria com a Declaração da Independência, em 1822, por Dom Pedro I.

Outro ponto importante está relacionado à **escravidão dos negros**: o Brasil era uma das poucas colônias americanas que ainda sustentava o sistema econômico baseado no trabalho escravo, o que gerou opiniões controversas por parte dos autores daquela época. Temos **expressões literárias abolicionistas** (como o poeta Gonçalves de Magalhães) e outras que tratavam do tema superficialmente (o romancista Bernardo Guimarães).

A **independência** das colônias latino-americanas impulsionou um sentimento de nacionalidade diretamente refletida pela literatura. A formação dessas literaturas esteve a cargo de autores que projetavam os ideais de uma nação em crescimento e desenvolvimento e que até hoje são considerados constitutivos da história da nação. No entanto, essa literatura fundacional e canônica da América Latina é revista por muitos professores, críticos literários e historiadores pois

apresentam apenas uma visão referente à formação das nações latino-americanas. Como diz o crítico literário Eduardo Coutinho:

Na América Latina, durante o século XIX, o sujeito enunciador do discurso fundador do estado-nação tomou como base um projeto patriarcal e elitista, que excluiu não só a mulher, mas índios, negros, analfabetos e, em muitos casos, aqueles que não possuíam nenhum tipo de propriedade. A preocupação dominante era marcar a diferença da nova nação com relação à matriz colonizadora, mas o modelo era óbvia e paradoxalmente a metrópole; daí a necessidade de forjar-se uma homogeneidade que excluísse todas as diferenças.

O que causa uma sensação de estranhamento é o paradoxo observado no período: ao mesmo tempo em que ideias sobre o sentimento de nacionalidade aflorava nos corações dos brasileiros (e demais latino-americanos), parte da população permanecia na miséria e/ou em situações de escravidão, sem acesso à emancipação e aos direitos humanos básicos.

Principais Características do Período Romântico

Há uma diferença significativa com relação aos padrões poéticos vistos até então no Arcadismo, que se assemelhavam à estrutura camoniana e eram inspirados nas obras greco-romanas. O **verso clássico deu espaço ao verso livre**, aquele sem métrica e sem entonação, e ao **verso branco**, sem rima, que possibilitou uma maior **liberdade de criação** do poeta romântico, agora livre para **expressar sua individualidade**.

Os **temas** principais da poesia romântica giram em torno do sentimento de **nacionalidade** surgido a partir novo do contexto histórico e cultural. A nova pátria, com a declaração da independência, manifestava-se através da **exaltação da natureza** do país, no **retorno ao passado histórico** e na criação dos **heróis nacionais**.

A hipervalorização dos **sentimentos** e das **emoções pessoais** (**angústias, tristezas, paixões, felicidades** etc.) também é característica do movimento, que pressupunha uma olhada para o interior do artista e de suas emoções, em detrimento do racional e do objetivo iluminista. Esse sentimentalismo exagerado está refletido nos enredos que, em sua maioria, consistem em histórias de **amor** ou, quando este não é o mote principal, em histórias em que o amor e a paixão prevalecem.

A individualidade como refúgio proporciona também a **evasão para mundos distantes** como forma de escapar a sua realidade. Essa característica está associada, principalmente, aos autores da chamada **Geração Mal-do-Século** - autores acometidos pela tuberculose (a doença considerada o

mal do século XIX) - que almejavam uma vida de prazeres em países e territórios distantes para escapar à dor e à morte.

O culto à **natureza** ganha traços diferenciados no romantismo pois, a partir de agora, passa a funcionar não apenas como pano de fundo para as histórias mas também, passa a exercer profundo fascínio pelos artistas. Além disso, a natureza passa a entrar em contato com o *eu* romântico, refletindo seus estados de espírito e sentimentos.

Nos romances **góticos**, surgidos no final do século XVII e desenvolvidos durante o século XIX, a natureza tem um papel muitas vezes hostil e ameaçador na trama, responsável por momentos de tensão. Com o passar do tempo, essa natureza transformou-se em um **clichê** para histórias de terror na forma de cenários assustadores: noite, névoa, pântanos, neve, árvores retorcidas etc.

Conceitos importantes

a) Subjetivismo e Individualismo

Vaçozação do que é particular e íntimo, dos sentimentos. Segundo o professor Sergius Gonzaga, em seu livro Manual de Literatura Brasileira (Mercado Aberto, 1989):

Com frequência, o destino da grandeza individual é a "maldição", ou seja, distanciamento pessoal da vida em sociedade, através da solidão voluntária, da orgia, da ofensa aos valores comuns, da recusa em aceitar os princípios da comunidade. Isto ocorre em um segundo momento, quando os artistas se dão conta da impossibilidade de uma nova experiência napoleônica e da mediocridade da burguesia pós-revolucionária, voltada apenas para a acumulação de capital.

b) Patriarcalismo

O século XIX também é conhecido por refletir em sua literatura canônica uma sociedade conservadora e patriarcalista. Neste modelo, a família (homem, mulher e filhos) é o núcleo da sociedade burguesa, cujo poder está centrado na figura do pai. Os enredos giram basicamente em torno dela, de suas relações, seus costumes e seus desejos.

Embora no Brasil o modelo de sociedade patriarcal sempre esteve presente desde o início da colonização, no Romantismo que uma explicitação desse modelo, pois ele fazia parte do projeto nacional presente no século XIX, isto é, aparecia na literatura como reflexo da ideologia dominante e para estabelecer os costumes esperados na sociedade e destinados principalmente às mulheres

Com o advento do Realismo (movimento literário seguinte) muitos autores dedicam-se a criticar este modelo e a retratar (da forma mais realista possível) as mazelas que se encontravam por trás da família burguesa, como a submissão das mulheres, a violência praticada contra esposas e filhas e a própria condição dessas personagens, moedas de troca a fim de garantir a situação financeira das famílias.

c) Eurocentrismo

Com a expansão mercantilista, a Europa se transformou na grande potência mundial expandindo seus mercados para além do continente, espalhando sua visão de mundo e acreditando na soberania dos países e no modo de pensar europeu. As consequências causadas pelo choque cultural dos europeus com outras sociedades (principalmente africanas, asiáticas e americanas) criou uma série de estereótipos a respeito desses povos "bárbaros" e a ideia de que o pensamento europeu seria civilizatório moldou as colônias e que foi refletida através da história principalmente na literatura do século XIX.

d) Nacionalismo

Com o desenvolvimento de uma burguesia mercantil, os reinos europeus foram se dissolvendo e desenvolvendo, inicialmente, uma ideia de organização política e cultural autônoma. Nas colônias, o sentimento de nacionalidade surgiu como reação à política mercantil restritiva das metrópoles e do desejo de liberdade econômica e política. No Brasil, os escritores produziram obras importantes motivadas pelo ideal nacionalista no sentido de delinear uma literatura que fosse considerada brasileira e não mais submissa à colônia.

Principais escritores românticos brasileiros

- **Gonçalves Dias:** principal poeta romântico e um dos melhores da língua portuguesa, nacionalista, autor da famosa **Canção do Exílio**, da nem tão famosa mas muito melhor **I-Juca-Pirama** e de muitos outros poemas.
- **Álvares de Azevedo:** o maior romântico da Segunda Geração Romântica; autor de **Lira dos Vinte Anos**, **Noite na Taverna** e **Macário**.
- **Castro Alves:** grande representante da Geração Condoreira, escreveu, principalmente, poesias abolicionistas como o **Navio Negroiro**.
- **Joaquim Manuel de Macedo:** romancista urbano escreveu **A Moreninha** e também **O Moço Loiro**.
- **José de Alencar:** principal romancista romântico. Romances urbanos: **Lucíola**; **A Viúvina**; **Cinco Minutos**; **Senhora**. Romances regionalistas: **O Gaúcho**, **O Sertanejo**, **O Tronco do Ipê**. Romances históricos: **A Guerra dos Mascates**; **As Minas de Prata**. Romances indianistas: **O Guarani**, **Iracema** e o **Ubirajara**.
- **Manuel Antônio de Almeida:** romancista urbano, precursor do Realismo. Obras: **Memórias de um Sargento de Milícias**.

- **Bernardo Guimarães:** considerado fundador do regionalismo. Obras: *A Escrava Isaura*; *O Seminarista*.

- **Franklin Távora:** regionalista. Obra mais importante: *O Cabeleira*.

- **Visconde de Taunay:** regionalista. Obra mais importante: *Inocência*.

- **Machado de Assis:** estilo único, dotado de fase romântica e realista. Em sua fase romântica destacam-se "*A Mão e a Luva*" e "*Helena*". Ainda em tal fase realizava análise psicológica e crítica social, mostrando-se atípico dentre os demais românticos.



O **Romantismo** tem uma importância capital para a literatura brasileira. Em muitos concursos e provas de admissão, quando há questões sobre literatura é quase que inevitável ver, pelo menos, uma sobre este estilo de época.

O **Romantismo** teve uma produção literária grande em nosso país, tanto na prosa quanto na poesia.

Podemos comprovar esta afirmação verificando os parágrafos acima quando mencionamos alguns autores do período e algumas de suas obras. **Mas há muito mais!!!!**

Por esta razão, aqui fica a **dica**: busque na internet ler mais sobre estes escritores e seus textos. Não se esqueça de que as obras apontadas em nossa aula são fundamentais e todo candidato a concursos deve conhecê-las.

Não despreze esta **dica**, ok?

Sabemos que são muitos autores e muitos textos, mas... a única maneira de conhecer é lendo!

Vamos a nossa pausa habitual antes dos exercícios?



Sobre o Romantismo ...

1. Poderíamos sintetizar uma das características do Romantismo pela seguinte aproximação de opostos:

- (A) Aparentemente idealista, foi, na realidade, o primeiro momento do Naturalismo Literário.
- (B) Cultivando o passado, procurou formas de compreender e explicar o presente.
- (C) Pregando a liberdade formal, manteve-se preso aos modelos legados pelos clássicos.
- (D) Embora marcado por tendências liberais, opôs-se ao nacionalismo político.
- (E) Voltado para temas nacionalistas, desinteressou-se do elemento exótico, incompatível com a exaltação da pátria.

2. Tradicionalmente, a poesia do Romantismo brasileiro é dividida em três diferentes gerações. Sobre elas, estão corretas as seguintes proposições:

- I. A primeira geração do Romantismo brasileiro ficou marcada pela inovação temática e pelo experimentalismo. Também conhecida como fase heroica do Romantismo, tinha como principal projeto literário a retomada dos modelos clássicos europeus;
- II. O sofrimento, a dor existencial, a angústia e o amor sensual e idealizado foram os principais temas da literatura produzida durante a segunda fase do Romantismo. Seus principais representantes foram Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela e Junqueira Freire;
- III. Da primeira fase do Romantismo brasileiro destacam-se nomes como José de Alencar e Gonçalves Dias, responsáveis por imprimir em nossa literatura o sentimento de nacionalismo e anticolonialismo;
- IV. Entre as principais características da poesia romântica da terceira geração, estão o interesse por temas religiosos, os dualismos que bem representam o conflito espiritual do homem do início do século XIX, o emprego de figuras de linguagem e o uso de uma linguagem rebuscada;
- V. O Condoreirismo, importante corrente literária que marcou a terceira geração da poesia romântica no Brasil, teve como principal representante o poeta Castro Alves, cujo engajamento na poesia social lhe rendeu a alcunha de "poeta dos escravos".

(A) II, III e V.

- (B) I e IV.
- (C) II, IV e V.
- (D) II e IV.
- (E) Todas as alternativas estão corretas.

3. Assinale a alternativa que completa adequadamente a asserção:

O Romantismo, graças à ideologia dominante e a um complexo conteúdo artístico, social e político, caracteriza-se como uma época propícia ao aparecimento de naturezas humanas marcadas por

- (A) teocentrismo, hipersensibilidade, alegria, otimismo e crença.
- (B) etnocentrismo, insensibilidade, descontração, otimismo e crença na sociedade.
- (C) egocentrismo, hipersensibilidade, melancolia, pessimismo, angústia e desespero.
- (D) teocentrismo, insensibilidade, descontração, angústia e desesperança.
- (E) egocentrismo, hipersensibilidade, alegria, descontração e crença no futuro.

4. Leia os versos a seguir:

Cantor das selvas, entre bravas matas
Áspero tronco da palmeira escolho,
Unido a ele soltarei meu canto,
Enquanto o vento nos palmares zune,
Rugindo os longos, encontrados leques.

Os versos acima, de *Os Timbiras*, de Gonçalves Dias, apresentam características da primeira geração romântica:

- (A) apego ao equilíbrio na forma de expressão; presença do nacionalismo, pela temática indianista e pela valorização da natureza brasileira.
- (B) resistência aos exageros sentimentais e à forma de expressão subordinada às emoções; visão da poesia a serviço de causas sociais, como a escravidão.
- (C) expressão preocupada com o senso de medida; "mal do século"; natureza como amiga e confidente.
- (D) transbordamento na forma de expressão; valorização do índio como típico homem nacional; apresentação da natureza como refúgio dos males do coração.
- (E) expressão a serviço da manifestação dos estados de espírito mais exagerados; sentimento profundo de solidão.

5. A respeito do Romantismo no Brasil, pode-se afirmar que:

- (A) sua ação nacionalista deu origem às condições políticas que propiciaram a nossa Independência;
- (B) coincidiu com o momento decisivo de definição da nacionalidade e colaborou para essa definição;
- (C) espelhou sempre as influências estrangeiras, em nada aproveitando os costumes e a cor locais;
- (D) foi decisivo para o amadurecimento dos sentimentos nativistas que culminaram na Inconfidência Mineira;
- (E) ganhou relevo apenas na poesia, talvez por falta de talentos no cultivo da ficção.

6. Leia atentamente os versos seguintes:

Eu deixo a vida com deixa o tédio

Do deserto o poeta caminheiro

- Como as horas de um longo pesadelo

Que se desfaz ao dobre de um mineiro.

Esses versos de Álvares de Azevedo significam a:

- (A) revolta diante da morte.
- (B) aceitação da vida como um longo pesadelo.
- (C) aceitação da morte como a solução.
- (D) tristeza pelas condições de vida.
- (E) alegria pela vida longa que teve.

7. Se uma lágrima as pálpebras me inunda,
Se um suspiro nos seios treme ainda,
É pela virgem que sonhei...que nunca
Aos lábios me encostou a face linda!

(Álvares de Azevedo)

A característica do Romantismo mais evidente nesta quadra é:

- (A) o espiritualismo
- (B) o pessimismo

- (C) a idealização da mulher
- (D) o confessionalismo
- (E) a presença do sonho

8. Assinale a alternativa que traz apenas características do Romantismo:

- (A) idealismo – religiosidade – objetividade – escapismo – temas pagãos.
- (B) predomínio do sentimento – liberdade criadora – temas cristãos – natureza convencional – valores absolutos.
- (C) egocentrismo – predomínio da poesia lírica – relativismo – insatisfação – idealismo
- (D) idealismo – insatisfação – escapismo – natureza convencional – objetividade.
- (E) n.d.a.

Dada a importância e abrangência do período romântico, achamos por bem reforçar as ideias centrais do Romantismo.

Isto lhe reafirmará a observação que fizemos na aula anterior (aula 9) sobre o quanto você deve ir além das aulas que aqui estamos apresentando. Lembre-se, nossas aulas são um caminho a ser seguido e nunca o ponto de chegada.

O que queremos dizer com tudo isso?

Que você para ter sucesso nas questões sobre literatura brasileira no concurso que fará, deverá ler muito mais do que somente o que estamos trazendo até o curso.

ROMANTISMO II

Leia com atenção o texto:

O **romantismo** foi um movimento artístico ocorrido na Europa por volta de 1800, que representa as mudanças no plano individual, destacando a personalidade, sensibilidade, emoção e os valores interiores.

Atingiu primeiro a literatura e a filosofia, para depois se expressar através das artes plásticas. A literatura romântica, abrangendo a épica e a lírica, do teatro ao romance, foi um movimento de vanguarda e que teve grande repercussão na formação da sociedade da época, ao contrário das artes plásticas, que desempenharam um papel menos vanguardista.

A arte romântica se opôs ao racionalismo da época da Revolução Francesa e de seus ideais, propondo a elevação dos sentimentos acima do pensamento.

CARACTERÍSTICAS DO ROMANTISMO

Grande é o número de características que, centradas sempre na valorização do eu e da liberdade, vão-se entrelaçando, umas atadas às outras, umas desencadeando outras e formando um amplo painel de traços reveladores.

As mais significativas são:

1. Contraste entre os ideais divulgados e a limitação imposta pela realidade vivida.

O universo conhecido se alarga, o Século das Luzes deixa um rastro de anseios libertários, desloca-se o centro do poder; a dependência social e econômica, a inconsciência, o desconhecimento estabelecem para a imensa maioria, no entanto, uma existência marcada por limitações de toda ordem.

2. Imaginação criadora.

Num movimento de escapismo, o artista romântico evade-se para os universos criados em sua imaginação, ambientados no passado ou no futuro idealizados, em terras distantes envoltas na magia e no exotismo, nos ideais libertários alimentados nas figuras dos heróis. A fantasia leva os românticos a criar tanto mundos de beleza que fascinam a sensibilidade, como universos em que a extrema emoção se realiza no belo associado ao terrificante (vejam-se as figuras do Drácula, do Frankstein, do Corcunda de Notre Dame e a ambiência que os rodeia).

3. Subjetivismo.

É o mundo pessoal, interior, os sentimentos do autor que se fazem o espaço central da criação. Com plena liberdade de criar, o artista romântico não se acanha em expor suas emoções pessoais, em fazer delas a temática sempre retomada em sua obra.

4. Evasão.

O escapismo romântico manifesta-se tanto nos processos de idealização da realidade circundante como na fuga para mundos imaginários. Quando acompanhado de desesperança, sucumbe ao chamado da morte, companheira desejada por muitos e tema recorrente em grande número de poetas.

5. Senso de mistério.

A valorização do mistério, do mágico, do maravilhoso acompanha a criação romântica. É também esse senso de mistério que leva grande número de autores românticos a buscar o sobrenatural e o terror.

6. Consciência da solidão.

Consequência do exacerbado subjetivismo, que dá ao autor romântico um sentimento de inadequação e o leva a sentir-se deslocado no mundo real e, muitas vezes, a buscar refúgio no próprio eu.

7. Reformismo.

Esta característica manifesta-se na participação de autores românticos em movimentos contestadores e libertários, com grande influência em sua produção, como foi a campanha abolicionista abraçada por Castro Alves e o movimento republicano assumido por Sílvio Romero.

8. Sonho.

Revela-se na idealização do mundo, na busca por verdades diferentes daquelas conhecidas, na revelação de anseios.

9. Fé.

É a fé que conduz o movimento: crença na própria verdade, crença na justiça procurada, crença nos sentimentos revelados, crença nos ideais perseguidos, crença que se revela ainda em diferentes manifestações de religiosidade cristã – fé. Não se pode esquecer a profunda influência do medievalismo na construção do mundo romântico, dele fazendo parte a religiosidade cristã.

10. Ilogismo.

Manifestações emocionais que se opõem e contradizem.

11. Culto da natureza.

A natureza adquire especial significado no mundo romântico. Testemunha e companheira das almas sensíveis, é, também, refúgio, proteção, mãe acolhedora. Costuma-se afirmar que, para os românticos, a natureza foi também personagem, com papel ativo na trama.

12. Retorno ao passado.

Tal retorno deu origem a diversas manifestações: saudosismo voltado para a infância, o passado individual; medievalismo e indianismo, na busca pelas raízes históricas, as origens que dignificam a pátria.

13. Gosto do pitoresco, do exótico.

Valorização de terras ainda não exploradas, do mundo oriental, de países distantes.

14. Exagero.

Exagero nas emoções, nos sentimentos, nas figuras do herói e do vilão, na visão maniqueísta a dividir o bem e o mal, exagero que se manifesta nas características já listadas.

15. Liberdade criadora.

Valorização do gênio criador e renovador do artista, colocado acima de qualquer regra.

16. Sentimentalismo.

A poesia do eu, do amor, da paixão. O amor, mais que qualquer outro sentimento, é o estado de fruição estética que se manifesta em extremos de exaltação ou de cinismo e libertinagem, mas sempre o amor.

17. Ânsia de glória.

O artista quer ver-se reconhecido e admirado.

18. Importância da paisagem.

A paisagem é tecida de acordo com as emoções dos personagens e a temática das obras literárias.

19. Gosto pelas ruínas.

A natureza sobrepõe-se à obra construída.

20. Gosto pelo noturno.

Em harmonia com a atmosfera de mistério, tão próxima do gosto de todos os românticos.

21. Idealização da mulher.

Anjo ou prostituta, a figura da mulher é sempre idealizada.

22. Função sacralizadora da arte.

O poeta sente-se como guia da humanidade e vê na arte uma função redentora.

Acrescentem-se a essas características os novos elementos estilísticos introduzidos na arte literária: a valorização do romance em suas muitas variantes; a liberdade no uso do ritmo e da métrica; a confusão dos gêneros, dando lugar à criação de novas formas poéticas; a renovação do teatro.

[Analisemos agora alguns dos mais importantes autores brasileiros do período.](#)

No Brasil, era cada vez maior o desejo de uma literatura nacional. Assim apresentou-se a primeira tentativa consciente de se produzir literatura verdadeiramente brasileira, abandonando o tom lusitano em favor de um estilo mais parecido com a fala brasileira, principalmente porque a proclamação da Independência ocorreu e houve um desejo cada vez maior de desvincular a linguagem brasileira da portuguesa.

Exaltação dos sentimentos pessoais;

Exaltação do "eu" - subjetivismo;

Expressão dos estados da alma, paixões e emoções;

Desejo de liberdade, igualdade, valorização da natureza (poder de Deus, refúgio acolhedor para o homem que foge dos vícios e corrupções da vida em sociedade).

Fuga da realidade através da arte.

Transformação da linguagem, composições de metro fixo não eram mais utilizadas, os românticos preferiram uma linguagem simples, criando ritmos novos e variando as formas métricas.

A poesia romântica brasileira foi esquematizada em três modos:

Primeira geração - Indianista ou Nacionalista

Na Europa, os escritores valorizavam os tempos da Idade Média, valorizando os heróis que ajudaram a libertar suas nações. No Brasil "nossos heróis" eram os índios, símbolos da nossa liberdade, valentes e nobres, livres das corrupções sociais e dos vícios da civilização branca.

Segunda geração - Mal do século (Byroniana ou ultra-romântica)

Temas amorosos levados ao extremo, poesias marcadas por um profundo pessimismo, tristeza e visão decadente da vida e da sociedade. Também aborda o amor platônico (fuga do real, sonho e fantasia), individualismo, a morte e seus mistérios.

Terceira geração (Condoreirismo)

Poesia social e libertária (abolicionista), "geração hugoana", poeta francês Victor Hugo - defesa do ser humano oprimido (no Brasil, o escravo). Linguagem vibrante, metáforas, antíteses, hipérboles empregados em elementos da natureza, que sugerem imensidão e força. Condoreirismo originou-se do condor, ave de voo alto capaz de enxergar à distância. A poesia amorosa é mais sensual, aparece em um clima de erotismo e paixão.

Trechos do poema: [O canto do guerreiro](#) - Indianista (Gonçalves Dias)

Aqui na floresta

Dos ventos batida,

Faças de bravos

Não geram escravos,

Que estimem a vida

Sem guerra e lidar.

-Ouvi-me, Guerreiros,

-Ouvi meu cantar.

Valente na guerra

Quem há, como eu sou?

Quem vibra o tacape

Com mais valentia?

Quem golpes daria

Fatais, como eu dou?

-Guerreiros, ouvi-me;

-Quem há, como eu sou?

Quem guia nos ares

A frecha implumada,

Ferindo uma presa,

Com tanta certeza,

Na altura arrojada

Onde eu a mandar?

-Guerreiros, ouvi-me,

-Ouvi meu cantar.

Nestes trechos do poema, Gonçalves Dias usou versos com ritmos (existe musicalidade no poema), o uso de travessão no poema é para reforçar a emoção do poeta, os pontos de interrogação também. Guerreiros com letra maiúscula na primeira estrofe, é um símbolo, um significado especial aos índios.

Poema: Soneto - Geração Mal do Século (Álvares de Azevedo)

Pálida à luz da lâmpada sombria,

Sobre o leito de flores reclinada,

Como a lua por noite embalsamada,

Entre as nuvens do amor ela dormia!

Era a virgem do mar! Na espuma fria,

Pela maré das águas embaladas!

Era um anjo entre as nuvens d'alvorada Que em sonhos se embalava e se esquecia!

Era mais bela! O seio palpitando...

Negros olhos as pálpebras abrindo...

Formas nuas no leito resvalando...

Não te rias de mim, meu anjo lindo!

Por ti - as noites eu velei chorando,

Por ti - nos sonhos morrerei sorrindo!

Este poema tem: subjetividade (egocentrismo), sentimentalismo, idealização da amada, amor platônico, mulher vista como um anjo, ela é inatingível, virgem.

A abertura e o encerramento da primeira estrofe deste soneto, se dá com dois vocábulos polissêmicos: Pálida e dormia. Essa polissemia (uma palavra com mais de um sentido), processa a ambiguidade poética do soneto, ao mesmo tempo em que a amada do poeta é virgem, pura, ele a descreve em certos trechos do poema uma erotização da sua musa. A idealização da mulher é particularizada, subjetiva. Amor e felicidade são ideais impossíveis.

Trechos do poema Navio Negreiro - Condoreirismo (Castro Alves)

'Stamos em pleno mar...Doudo no espaço

Brinca o luar - dourada borboleta;

E as vagas após ele correm...causam

Como turba de infantes inquieta

'Stamos em pleno mar...Do firmamento

Os astros saltam como espumas de ouro...

O mar em troca acende as ardentias,

-Constelações do líquido tesouro...

.....
Era um sonho dantesco...o tombadilho

Que das luzernas avermelha o brilho.

Em sangue a se banhar.

Tinir de ferros...estalar de açoite...

Legiões de homens negros como a noite,

Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas

Magras crianças, cujas bocas pretas

Rega o sangue das mães:

Outras moças, nuas e espantadas,

No turbilhão de espectros arrastados,

Em ânsia e mágoa vãs!

.....
Fatalidade atroz que a mente esmaga!

Extingue nesta hora a brigue imundo

O trilho que Colombo abriu nas vagas,

Como um íris no pélagos profundo!

Mas é infâmia demais!...Da etérea plaga

Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!

Andrada! arranca esse pendão dos ares!

Colombo! fecha a porta dos teus mares!

Podemos observar nestes trechos do poema que Castro Alves denunciava a desumanidade cometida nos navios negreiros, era uma forma de "desabafo" à indignação do poeta contra as tiranias e opressões. É um tipo de poesia onde predominam as comparações, metáforas, antíteses, hipérboles e apóstrofes, empregadas em função de elementos da natureza que sugerem imensidão, força e majestade.

Sabemos que são muitas informações ao mesmo tempo. É por isto que sempre aconselhamos a que antes de prosseguir, você dê uma parada para descansar, pensar um pouco em tudo que leu até o presente momento, para somente depois retomar a matéria através dos exercícios.



Nossa proposta de exercício, nesta aula, será um pouco diferente. Vamos disponibilizar aqui alguns poemas do período do Romantismo para que você leia. Poemas que "caem" em muitos concursos públicos (ou seja: você TEM que conhecer).

Leia os poemas e vá buscando identificar características românticas em seus versos.

Boa leitura !

Recapitulando

Gonçalves Dias:

Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.
Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar — sozinho, à noite —
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores

Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Álvares Azevedo:

Se Eu Morresse Amanhã

Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar meus olhos minha triste irmã,
Minha mãe de saudades morreria
Se eu morresse amanhã!
Quanta glória pressinto em meu futuro!
Eu perdera chorando essas coroas
Se eu morresse amanhã!
Que sol! que céu azul! que doce n'alva
Acorda ti natureza mais louçã!
Não me batera tanto amor no peito
Se eu morresse amanhã!
Mas essa dor da vida que devora
A ânsia de glória, o dolorido afã...
A dor no peito emudecera ao menos
Se eu morresse amanhã!

Anjos do Céu

As ondas são anjos que dormem no mar,
Que tremem, palpitam, banhados de luz...
São anjos que dormem, a rir e sonhar
E em leito d'escuma revolvem-se nus!
E quando de noite vem pálida a lua
Seus raios incertos tremer, pratear,

E a trança luzente da nuvem flutua,
As ondas são anjos que dormem no mar!
Que dormem, que sonham- e o vento dos céus
Vem tépido à noite nos seios beijar!
São meigos anjinhos, são filhos de Deus,
Que ao fresco se embalam do seio do mar!
E quando nas águas os ventos suspiram,
São puros fervores de ventos e mar:
São beijos que queimam... e as noites deliram,
E os pobres anjinhos estão a chorar!
Ai! quando tu sentes dos mares na flor
Os ventos e vagas gemer, palpitar,
Por que não consentes, num beijo de amor
Que eu diga-te os sonhos dos anjos do mar?

Castro Alves:

A boa vista

Era uma tarde triste, mas límpida e suave...
Eu — pálido poeta — seguia triste e grave
A estrada, que conduz ao campo solitário,
Como um filho, que volta ao paternal sacrário,

E ao longe abandonando o murmúrio da cidade
— Som vago, que gagueja em meio à imensidade,—
No drama do crepúsculo eu escutava atento
A surdina da tarde ao sol, que morre lento.

A poeira da estrada meu passo levantava,
Porém minh'alma ardente no céu azul marchava
E os astros sacudia no vôo violento

— Poeira, que dormia no chão do firmamento.

A pávida andorinha, que o vendaval fustiga,
Procura os coruchéus da catedral antiga.
Eu — andorinha entregue aos vendavais do inverno,
Ia seguindo triste p'ra o velho lar paterno.

Como a águia, que do ninho talhado no rochedo
Ergue o pescoço calvo por cima do fragedo,
— (Pra ver no céu a nuvem, que espuma o firmamento,
E o mar, — corcel que espuma ao látigo do vento...)

Longe o feudal castelo levanta a antiga torre,
Que aos raios do poente brilhante sol escorre!
Ei-lo soberbo e calmo o abutre de granito
Mergulhando o pescoço no seio do infinito,

E lá de cima olhando com seus clarões vermelhos
Os tetos, que a seus pés parecem de joelhos! ...

Não! Minha velha torre! Oh! atalaia antiga,
Tu olhas esperando alguma face amiga,
E perguntas talvez ao vento, que em ti chora:
"Por que não volta mais o meu senhor d'outrora?
Por que não vem sentar-se no banco do terreiro
Ouvir das criancinhas o riso feiticeiro,
E pensando no lar, na ciência, nos pobres
Abrigar nesta sombra seus pensamentos nobres?

Onde estão as crianças — grupo alegre e risonho
— Que escondiam-se atrás do cipreste tristonho ...

Ou que enforcaram rindo um feio Pulchinello,
Enquanto a doce Mãe, que é toda amor, desvelo
Ralha com um rir divino o grupo folgazão,
Que vem correndo alegre beijar-lhe a branca mão?..."

É nisto que tu cismas, ó torre abandonada,
Vendo deserto o parque e solitária a estrada.
No entanto eu — estrangeiro, que tu já não conheces —
No limiar de joelhos só tenho pranto e preces.

Oh! deixem-me chorar!...Meu lar... meu doce ninho!
Abre a vetusta grade ao filho teu mesquinho!
Passado — mar imenso!... inunda-me em fragrância!
Eu não quero lauréis, quero as rosas da infância.

Ai! Minha triste frente, aonde as multidões
Lançaram misturadas glórias e maldições...
Acalenta em teu seio, ó solidão sagrada!
Deixa est'alma chorar em teu ombro encostada!

Meu lar está deserto... Um velho cão de guarda
Veio saltando a custo roçar-me a testa parda,

Lamber-me após os dedos, porém a sós consigo
Rusgando com o direito, que tem um velho amigo...
Como tudo mudou-se! ... O jardim 'stá inculto
As roseiras morreram do vento ao rijo insulto...

A erva inunda a terra; o musgo trepa os muros
A urtiga silvestre enrola em nós impuros
Uma estátua caída, em cuja mão nevada
A aranha estende ao sol a teia delicada! ...

Mergulho os pés nas plantas selvagens, espalmadas,

As borboletas fogem-me em lúcidas manadas ...
E ouvindo-me as passadas tristonhas, taciturnas,
Os grilos, que cantavam, calaram-se nas furnas ...

Oh! jardim solitário! Relíquia do passado!
Minh'alma, como tu, é um parque arruinado!
Morreram-me no seio as rosas em fragrância,
Veste o pesar os muros dos meus vergéis da infância,
A estátua do talento, que pura em mim s'erguia,
Jaz hoje — e nela a turba enlaça uma ironia!...
Ao menos como tu, lá d'alma num recanto
Da casta poesia ainda escuto o canto,
— Voz do céu, que consola, se o mundo nos insulta,
E na gruta do seio murmura um tremo oculta.

Entremos! ... Quantos ecos na vasta escadaria,
Nos longos corredores respondem-me à porfia! ...

Oh! casa de meus pais! ... A um crânio já vazio,
Que o hóspede largando deixou calado e frio,
Compara-te o estrangeiro — caminhando indiscreto
Nestes salões imensos, que abriga o vasto teto.

Mas eu no teu vazio — vejo uma multidão
Fala-me o teu silêncio — ouço-te a solidão! ...
Povoam-se estas salas...

E eu vejo lentamente
No solo resvalarem falando tenuemente
Dest'alma e deste seio as sombras venerandas

Fantasmas adorados — visões sutis e brandas...
Aqui... além... mais longe... por onde eu movo o passo,

Como aves, que espantadas arrojam-se ao espaço,
Saudades e lembranças s'erguendo — bando alado —
Roçam por mim as asas voando pra o passado.

José de Alencar:

Na ilha por vezes habitada

Na ilha por vezes habitada do que somos, há noites,
manhãs e madrugadas em que não precisamos de
morrer.

Então sabemos tudo do que foi e será.

O mundo aparece explicado definitivamente e entra
em nós uma grande serenidade, e dizem-se as
palavras que a significam.

Levantamos um punhado de terra e apertamo-la nas
mãos.

Com doçura.

Aí se contém toda a verdade suportável: o contorno, a
vontade e os limites. Podemos então dizer que somos livres, com a paz e osorriso de quem se
reconhece e viajou à roda do mundo infatigável, porque mordeu a alma até aos
ossos dela.

Libertemos devagar a terra onde acontecem milagres
como a água, a pedra e a raiz.

Cada um de nós é por enquanto a vida.

Isso nos baste.

Manuel Antônio de Almeida:

Arte de Amar

Se queres sentir a felicidade de amar, esquece a tua alma.

A alma é que estraga o amor.

Só em Deus ela pode encontrar satisfação.

Não noutra alma.

Só em Deus - ou fora do mundo.

As almas são incomunicáveis.

Deixa o teu corpo entender-se com outro corpo.

Porque os corpos se entendem, mas as almas não.

Coisa Amar

Contar-te longamente as perigosas

coisas do mar. Contar-te o amor ardente

e as ilhas que só há no verbo amar.

Contar-te longamente longamente.

Amor ardente. Amor ardente. E mar.

Contar-te longamente as misteriosas

maravilhas do verbo navegar.

E mar. Amar: as coisas perigosas.

Contar-te longamente que já foi

num tempo doce coisa amar. E mar.

Contar-te longamente como dói

desembarcar nas ilhas misteriosas.

Contar-te o mar ardente e o verbo amar.

E longamente as coisas perigosas.

Bernardo Guimarães:

A Orgia dos Duendes

I
Meia-noite soou na floresta
No relógio de sino de pau;
E a velhinha, rainha da festa,
Se assentou sobre o grande jirau.
Lobisome apanhava os gravetos
E a fogueira no chão acendia,
Revirando os compridos espetos,
Para a ceia da grande folia.
Junto dele um vermelho diabo
Que saíra do antro das focas,
Pendurado num pau pelo rabo,
No borralho torrava pipocas.
Taturana, uma bruxa amarela,
Resmungando com ar carrancudo,
Se ocupava em frigar na panela
Um menino com tripas e tudo.
Getirana com todo o sossego
A caldeira da sopa adubava
Com o sangue de um velho morcego,
Que ali mesmo co'as unhas sangrava.
Mamangava frigia nas banhas
Que tirou do cachaço de um frade
Adubado com pernas de aranha,
Fresco lombo de um frei dom abade.
Vento sul sobiou na cumbuca,
Galo-Preto na cinza espojou;
Por três vezes zumbiu a mutuca,

No cupim o macuco piou.
E a rainha co'as mãos ressequidas
O sinal por três vezes foi dando,
A corte das almas perdidas
Desta sorte ao batuque chamando:
"Vinde, ó filhas do oco do pau,
Lagartixas do rabo vermelho,
Vinde, vinde tocar marimbau,
Que hoje é festa de grande aparelho.
Raparigas do monte das cobras,
Que fazeis lá no fundo da brenha?
Do sepulcro trazei-me as abobras,
E do inferno os meus feixes de lenha.
Ide já procurar-me a bandurra
Que me deu minha tia Marselha,
E que aos ventos da noite sussura,
Pendurada no arco-da-velha.
Onde estás, que inda aqui não te vejo,
Esqueleto gamenho e gentil?
Eu quisera acordar-te c'um beijo]
Lá no teu tenebroso covil.
Galo-preto da torre da morte,
Que te aninhas em leito de brasas,

Vem agora esquecer tua sorte,
Vem-me em torno arrastar tuas asas.
Sapo-inchado, que moras na cova
Onde a mão do defunto enterrei,
Tu não sabes que hoje é lua nova,
Que é o dia das danças da lei?
Tu também, ó gentil Crocodilo,
Não deploras o suco das uvas;

Vem beber excelente restilo
Que eu do pranto extraí das viúvas.
Lobisome, que fazes, meu bem
Que não vens ao sagrado batuque?
Como tratas com tanto desdém,
Quem a c'roa te deu de grão-duque?"

II

Mil duendes dos antros saíram
Batucando e batendo matracas,
E mil bruxas uivando surgiram,
Cavalgando em compridas estacas.
Três diabos vestidos de roxo
Se assentaram aos pés da rainha,
E um deles, que tinha o pé coxo,
Começou a tocar campainha.
Campainha, que toca, é caveira
Com badalo de casco de burro,
Que no meio da selva agoureira
Vai fazendo medonho sussurro.
Capetinhas, trepados nos galhos
Com o rabo enrolado no pau,
Uns agitam sonoros chocalhos,
Outros põem-se a tocar marimbau.
Crocodilo roncava no papo
Com ruído de grande fragor:
E na inchada barriga de um sapo
Esqueleto tocava tambor.
Da carcaça de um seco defunto
E das tripas de um velho barão,
De uma bruxa engenhosa o bestunto

Armou logo feroz rabecão.
Assentado nos pés da rainha
Lobisome batia a batuta
Co'a canela de um frade, que tinha
Inda um pouco de carne corruta.
Já ressoam timbales e rufos,
Ferve a dança do cateretê;
Taturana, batendo os adufos,
Sapateia cantando — o le rê!
Getirana, bruxinha tarasca,
Arranhando fanhosa bandurra,
Com tremenda embigada descasca
A barriga do velho Caturra.
O Caturra era um sapo papudo
Com dous chifres vermelhos na testa,
e era ele, a despeito de tudo,
O rapaz mais patusco da festa.
Já no meio da roda zurrando
Aparece a mula-sem-cabeça,
Bate palmas, a súcia berrando
— Viva, viva a Sra. Condessa!...
E dançando em redor da fogueira
vão girando, girando sem fim;
Cada qual uma estrofe agoureira
Vão cantando alternados assim:

[Machado de Assis:](#)

Círculo Vicioso

Bailando no ar, gemia inquieto vaga-lume:
- Quem me dera que fosse aquela loura estrela,

que arde no eterno azul, como uma eterna vela !
Mas a estrela, fitando a lua, com ciúme:

- Pudesse eu copiar o transparente lume,
que, da grega coluna á gótica janela,
contemplou, suspirosa, a fronte amada e bela !
Mas a lua, fitando o sol, com azedume:

- Misera ! tivesse eu aquela enorme, aquela
claridade imortal, que toda a luz resume !
Mas o sol, inclinando a rutila capela:

- Pesa-me esta brilhante aureola de nume...
Enfara-me esta azul e desmedida umbela...
Porque não nasci eu um simples vaga-lume?

Livros e flores

Teus olhos são meus livros.
Que livro há aí melhor,
Em que melhor se leia
A página do amor?

Flores me são teus lábios.
Onde há mais bela flor,
Em que melhor se beba
O bálsamo do amor?

No alto

O poeta chegara ao alto da montanha,
E quando ia a descer a vertente do oeste,

Viu uma cousa estranha,
Uma figura má.

Então, volvendo o olhar ao subtil, ao celeste,
Ao gracioso Ariel, que de baixo o acompanha,
Num tom medroso e agreste
Pergunta o que será.

Como se perde no ar um som festivo e doce,
Ou bem como se fosse
Um pensamento vão,

Ariel se desfez sem lhe dar mais resposta.
Para descer a encosta
O outro lhe deu a mão.

Acreditamos que você já começa a notar a alternância que falamos sobre os períodos literários. Quando um está mais voltado para as questões internas e subjetivas, o seguinte surge como uma espécie contestatória (sem ser oposição no sentido de reação ou tentativa de "golpe"). O que acontece é que em casa período que vamos estudando, percebemos que há um exercício tão intenso de suas características, que, por vias naturais, surgem contestações e necessidades de inovações.

Em outras palavras para que possamos prosseguir: quando um estilo chega ao seu ápice (como tudo no mundo que chega ao seu apogeu), outros caminhos têm que surgir. Assim sendo, se muito se abre espaço para a visão interna das interpretações do mundo, o instante seguinte possibilitará uma ótica mais externa. Do emocional ao racional e deste para aquele outro, assim vai caminhando a arte.

Todo este preâmbulo tem por objetivo preparar-lhe para a nossa próxima aula. Está lembrado que falamos do Romantismo? Então, mãos à obra na nova expressão artística brasileira.

REALISMO – NATURALISMO - PARNASIANISMO

Começamos nossa aula com uma definição do que vem a ser o Realismo na voz de um romancista português bastante conhecido: Eça de Queirós.

“O Realismo é uma reação contra o Romantismo: o Romantismo era a apoteose do sentimento; o Realismo é a anatomia do caráter. É a crítica do homem. É a arte que nos pinta a nossos próprios olhos - para condenar o que houve de mau na nossa sociedade.”

Introdução

A poesia do final da década de 1860 já anunciava o fim do Romantismo; Castro Alves, Sousândrade e Tobias Barreto faziam uma poesia romântica na forma e na expressão, mas os temas estavam voltados para uma realidade político-social. O mesmo se pode afirmar de algumas produções do romance romântico, notadamente a de Manuel Antônio de Almeida, Franklin Távora e Visconde de Taunay. Era o **pré-realismo** que se manifestava.

Na década de 70 surge a chamada Escola de Recife, com Tobias Barreto, Sílvio Romero e outros, aproximando-se das ideias europeias ligadas ao Positivismo, ao Evolucionismo e, principalmente, à filosofia alemã. São os ideais do Realismo que encontravam ressonância no conturbado momento histórico pelo Brasil, com os ideais do abolicionismo, da busca pela República e a crise da Monarquia.

Em 1857, o mesmo ano em que no Brasil foi publicado **O guarani**, de José de Alencar, na França foi publicado *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, considerado o primeiro romance realista da literatura universal.

Aconselhamos a que você busque informações sobre estas duas obras, pois dada as suas importâncias, sempre aparecem questões relacionadas a elas.

Em 1865, Claude Bernard publica **Introdução à medicina experimental**, com uma tese sobre a hereditariedade. Em 1867, Émile Zola publica **Thérèse Raquin**, inaugurando o romance naturalista.

No Brasil, considera-se 1881 como o ano inaugural do Realismo. De fato, esse foi um ano fértil para a literatura brasileira, com a publicação de dois romances fundamentais, que modificaram o curso de nossas letras: Aluísio Azevedo publica **O mulato, o primeiro romance naturalista do Brasil**; Machado de Assis publica **Memórias póstumas de Brás Cubas**, o primeiro romance realista de nossa literatura.

Você já leu *Memórias póstumas de Brás Cubas*? Se não leu, é bom procurar saber sobre o tema, a história e etc, pois também é “figurinha fácil” em questões de concursos.

Na divisão tradicional da história da literatura brasileira, o ano considerado data final do Realismo é 1893, com a publicação de **Missal** e **Broquéis**, ambos de Cruz e Souza, obras inaugurais do **Simbolismo**. No entanto, é importante salientar que 1893 registra o início do Simbolismo, mas não o término do Realismo e suas manifestações na prosa, com os romances realistas e naturalistas, e na poesia, com o **Parnasianismo**. Basta lembrar que Dom Casmurro, de Machado de Assis, é de 1900; **Esaú e Jacó**, do mesmo autor, é de 1904. Olavo Bilac foi eleito “príncipe dos poetas” em 1907.

IMPORTANTE: A Academia Brasileira de Letras, templo do Realismo, é de 1897.

Na realidade, nos últimos vinte anos do século XIX e nos primeiros vinte anos do século XX, temos três estéticas que se desenvolvem paralelas: o Realismo e suas manifestações, o Simbolismo e o Pré-Modernismo, que só conhecem o golpe fatal em 1922, com a *Semana de Arte Moderna*.

Mas Realismo e Naturalismo não são as mesmas coisas?

Vejamos as diferenças básicas

| Realismo | Naturalismo |
|---|--|
| Retrato Fiel do Personagem | Visão determinista e mecanicista do homem |
| Lentidão Narrativa | Cientificismo |
| Interpretação do Caráter | Personagens patológicas |
| Materialização do amor | Incorporação de termos científicos e profissionais |
| Determinismo e relação entre causa e efeito | Determinista, Evolucionista, Positivista |
| Veracidade | |
| Detalhes Específicos | |

CONTEXTO HISTÓRICO

Mundial

O Realismo reflete as profundas transformações econômicas, políticas, sociais e culturais da Segunda metade do século XIX. A Revolução Industrial, iniciada no século XVIII, entra numa nova fase, caracterizada pela utilização do aço, do petróleo e da eletricidade; ao mesmo tempo o avanço

científico leva a novas descobertas nos campos da Física e da Química. O capitalismo se estrutura em moldes modernos, com o surgimento de grandes complexos industriais; por outro lado, a massa operária urbana cresce, formando uma população marginalizada que não partilha dos benefícios gerados pelo progresso industrial mas, pelo contrário, é explorada e sujeita a condições subumanas de trabalho.

Esta nova sociedade serve de pano de fundo para uma nova interpretação da realidade, gerando teorias de variadas posturas ideológicas. Numa sequência cronológica temos o Positivismo de Auguste Comte, preocupado com o real-sensível, o fato, defendendo o cientificismo no pensamento filosófico e a conciliação da "ordem e progresso" (a expressão, utilizada na bandeira republicana do Brasil, é de inspiração comtiana); o Socialismo Científico de Karl Marx e Friedrich Engels, a partir da publicação do Manifesto Comunista, em 1848, definindo o materialismo histórico ("o modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, político e intelectual em geral" – diz Marx) e a luta de classes; o Evolucionismo de Charles Darwin, a partir da publicação, em 1859, de A origem das espécies, livro em que ele expõe seus estudos sobre a evolução das espécies pelo processo de seleção natural, negando portanto a origem divina defendida pelo Cristianismo.

O Período No Brasil

Também estamos passando por mudanças radicais tanto no campo econômico como no político-social, no período compreendido entre 1850 e 1900, embora com profundas diferenças materiais, se comparadas às da Europa.

- A campanha abolicionista intensifica-se a partir de 1850;
- a Guerra do Paraguai (1864/70) tem como consequência o pensamento republicano – o Partido Republicano foi fundado no ano em que essa guerra acabou –;
- decadência da Monarquia. A Lei Áurea, de 1888, não resolveu o problema dos negros, mas criou uma nova realidade. A sua substituição da mão de obra escrava pela assalariada, então representada pelas levas de imigrantes europeus que vinham trabalhar na lavoura cafeeira, originou uma nova economia voltada para o mercado externo, mas agora sem a estrutura colonialista.

Características

LEIA COM ATENÇÃO!

As características do Realismo estão intimamente ligadas ao momento histórico, refletindo, dessa forma, a postura do Positivismo, do Socialismo e do Evolucionismo, com todas as suas variantes. Assim é que o objetivismo aparece como negação do subjetivismo romântico e nos mostra o homem voltado para aquilo que está diante e fora dele, o não-eu; o personalismo cede terreno para o universalismo. O materialismo leva à negação do sentimentalismo e da metafísica.

O nacionalismo e a volta ao passado histórico são deixados de lado; o Realismo só se preocupa com o presente, o contemporâneo.

Influenciados por Hypolite Taine e sua Filosofia da arte, os autores realistas são adeptos do determinismo, segundo o qual a obra de arte seria determinada por três fatores: o meio, o momento e a raça – esta, no que se refere à hereditariedade. O avanço das ciências, no século XIX, influencia sobremaneira os autores da nova estética, principalmente os naturalistas, donde se falar em cientificismo nas obras desse período.

Ideologicamente os autores desse período são antimonárquicos, assumindo uma defesa clara do ideal republicano, como se observa na leitura de romances como **O mulato**, **O cortiço** e **O Ateneu**, por exemplo. Negam a burguesia a partir da célula-mãe da sociedade: a família; eis por que os sempre presentes triângulos amorosos, formados pelo pai traído, a mãe adúltera e o amante, que é sempre um "amigo da casa"; para citarmos apenas exemplos famosos de **Machado de Assis**, eis alguns triângulos: Bentinho/Capitu/Escobar; Lobo Neves/Virgília/Brás Cubas; Cristiano Palha/Sofia Palha/Rubião. São anticlericais, destacando-se em suas obras os padres corruptos e a hipocrisia de velhas beatas.

Finalmente é importante salientar que Realismo é denominação genérica da escola literária, sendo que nela se podem perceber três tendências distintas, expostas a seguir:

Romance Realista

Cultivado no Brasil por **Machado de Assis**, é uma narrativa mais preocupada com a análise psicológica, fazendo a crítica à sociedade a partir do comportamento de determinados personagens. É interessante constatar que os cinco romances da fase realista de Machado apresentam nomes próprios em seus títulos – **Brás Cubas**; **Quincas Borba**; **D. Casmurro**; **Esaú e Jacó**; **Aires** –, revelando clara preocupação com o indivíduo.



Estes romances sempre caem em provas de concursos. ATENÇÃO.

O romance realista analisa a sociedade “por cima”, ou seja, seus personagens são capitalistas, pertencem à classe dominante; mais uma vez nos voltamos para a obra de Machado e percebemos que Brás Cubas não produz, vive do capital, o mesmo acontecendo com Bentinho; já Quincas Borba era louco e mendigo até receber uma herança; o único dos personagens centrais de Machado que trabalhava era Rubião (professor em Minas), mas recebe a herança de Quincas Borba, muda-se para o Rio e não trabalha mais, vivendo do capital. **O romance realista é documental, retrato de uma época.**

Observe o trecho abaixo:

Naquele tempo contava apenas uns quinze ou dezesseis anos; era talvez a mais atrevida criatura da nossa raça, e, com certeza, a mais voluntariosa. Não digo que já lhe coubesse a primazia da beleza, entre as mocinhas do tempo, porque isto não é romance, em que o autor sobredoura a realidade e fecha os olhos às sardas e espinhas; mas também não digo que lhe maculasse o rosto nenhuma sarda ou espinha, não. Era bonita, fresca, saía das mãos da natureza, cheia daquele feitiço, precário e eterno, que o indivíduo passa a outro indivíduo, para os fins secretos da criação. Era isto Virgília, e era clara, muito clara, faceira, ignorante, pueril, cheia de uns ímpetos misteriosos; muita preguiça e alguma devoção, – devoção, ou talvez medo; creio que medo.

(ASSIS, Machado de. Memórias póstumas de Brás Cubas)

Podemos notar todo o estilo irônico do autor, aqui com suas baterias voltadas contra as idealizações românticas que haviam moldado o gosto do público leitor. Repare que Machado parte de uma adjetivação que nos leva a montar um perfil da heroína romântica (a mais atrevida, a mais voluntariosa, bonita, fresca, carregada de feitiço, faceira) para só num segundo momento provocar a ruptura: ignorante, pueril, preguiçosa.

Romance Naturalista

Cultivado no Brasil por Aluísio Azevedo, Júlio Ribeiro, Adolfo Caminha, Domingos Olímpio, Inglês de Souza e Manuel de Oliveira Paiva; o caso de Raul Pompéia é muito particular, pois seu romance **O Ateneu** ora apresenta características naturalistas, ora realistas, ora impressionistas.

A narrativa naturalista é marcada pela forte análise social a partir de **grupos humanos marginalizados**, valorizando o **coletivo**; interessa também notar que os títulos dos romances naturalistas apresentam a mesma preocupação: O mulato, O cortiço, Casa de pensão, O Ateneu. Há inclusive, sobre o romance **O cortiço**, a tese de que o principal personagem não é João Romão, nem Bertoleza, nem Rita Baiana, nem Pombinha, mas sim o próprio cortiço ou, como afirma Antônio Cândido, “o romance é o nascimento, vida, paixão e morte de um cortiço”. Sob um certo ponto de vista, o mesmo poderia ser dito sobre o colégio Ateneu (os dois romances se encerram com a destruição dos prédios, abrigos coletivos).

Por outro lado, o naturalismo apresenta romances experimentais; a influência de Charles Darwin se faz sentir na máxima naturalista segundo a qual o homem é um animal; portanto, antes de usar a razão, deixa-se levar pelos instintos naturais, não podendo ser reprimido em suas manifestações instintivas, como o sexo, pela moral da classe dominante. A constante repressão leva às taras patológicas, tão ao gosto naturalista; em consequência, esses romances são mais ousados e erroneamente tachados por alguns de pornográficos, apresentando descrições minuciosas de atos sexuais, tocando, inclusive, em temas então proibidos, como o homossexualismo: tanto o masculino, como em O Ateneu, quanto o feminino, em O cortiço.

Observe o texto abaixo:

Ana Rosa, com efeito, de algum tempo a essa parte, fazia visitas ao quarto de Raimundo, durante a ausência do morador.

Entrava disfarçadamente, fechava as rótulas da janela, e, como sabia que o morador não aparecia àquela hora, começava a bulir nos livros, a remexer nas gavetas abertas, a experimentar as fechaduras, a ler os cartões de visita e todos os pedacinhos de papel escrito, que lhe caíam nas mãos. Sempre que encontrava um lenço já servido, no chão ou atirado sobre a cômoda, apoderava-se dele e cheirava-o sofregamente, como fazia também com os chapéus de cabeça e com a travesseirinha da cama.

Estas bisbilhotices deixavam-na caída numa enervação voluptuosa e doentia, que lhe punha no corpo arrepios de febre.

(AZEVEDO, Aluísio. **O mulato**)

Observamos que a personagem Ana Rosa, criada segundo alguns “caprichos românticos e fantasias poéticas”, não resiste à força da atração física que Raimundo lhe desperta, chegando a invadir o quarto do rapaz. O importante é notar como a moça é dominada pelos instintos; como se fosse um animal, “lê” o mundo por meio dos sentidos (ela “conhece” o rapaz pelo cheiro que ele imprimiu nos objetos); a excitação provoca reações físicas (enervação voluptuosa, febre), transformando-se num caso patológico, doentio.

Observação:

Como se observa, há vários pontos de coincidência entre o romance realista e o naturalista; diríamos até que ambos partem de um mesmo ponto X e ambos chegam a um mesmo ponto Y, só que percorrendo caminhos diversos. Tanto um como outro atacam a monarquia, o clero e a sociedade burguesa. Inclusive, podemos encontrar, num mesmo autor, determinadas posturas mais realistas convivendo com enfoques mais naturalistas. É o caso de **O Ateneu**, citado acima.

Eça de Queirós, em Portugal, é outro exemplo significativo: alguns críticos o consideram realista, outros classificam-no como naturalista.

Vimos muito sobre a prosa do período. Agora veremos um pouco sobre a poesia.

Poesia Parnasiana

Preocupada com a forma e a objetividade; a “**arte pela arte**”, com seus sonetos alexandrinos perfeitos. Olavo Bilac, Raimundo Correia e Alberto de Oliveira formam a Trindade Parnasiana.

O soneto, a métrica alexandrina (12 sílabas poéticas), a rima rica, rara e perfeita, tudo isso se contrapondo aos versos livres e brancos dos românticos. Em suma, é o endeusamento da Forma.

Como muitos dos movimentos culturais, o Parnasianismo teve sua inspiração na França, de uma antologia poética intitulada *O Parnaso contemporâneo*, publicada em 1866. *Parnaso* era o nome de um monte, na Grécia, consagrado a Apolo (deus da luz e das artes) e às musas (entidades mitológicas ligadas às artes).

No Brasil, em 1878, em jornais cariocas, um ataque à poesia do **Romantismo** gerou uma polêmica em versos que ficou conhecida como a *Batalha do Parnaso*. Entretanto, considera-se como marco inicial do Parnasianismo no país o livro de poesias *Fanfarras*, de Teófilo Dias, publicado em 1882. O Parnasianismo prolongou-se até a Semana de Arte Moderna, em 1922.

Exemplos:

Vaso Chinês

Estranho mimo, aquele vaso! Vi-o
Casualmente, uma vez, de um perfumado
Contador sobre o mármore lúcido,
Entre um leque e o começo de um bordado.
Fino artista chinês, enamorado
Nele pusera o coração doentio
Em rubras flores de um sutil lavrado,
Na tinta ardente, de um calor sombrio.
Mas, talvez por contraste à desventura –
Quem o sabe? – de um velho mandarim
Também lá estava a singular figura:
Que arte, em pintá-la! A gente acaso vendo-a
Sentia um não sei quê com aquele chim
De olhos cortados à feição de amêndoa.

(Alberto de Oliveira)

Via Láctea

“Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!” Eu vos direi, no entanto,
Que para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...
E conversamos toda a noite, enquanto
A via láctea, como um pálio aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.
Dizeis agora: “Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?”

E eu vos direi: "Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas."

(Olavo Bilac)

A Cavalgada

A lua banha a solitária estrada.
Silêncio! ... Mais além, confuso e brando,
O som longínquo vem se aproximando
Do galopar de estranha cavalgada.
São fidalgos que voltam da calçada;
Vêm alegres, vêm rindo, vêm cantando,
E as tropas a soar vão agitando
O remanso da noite embalsamada...
E o bosque estala, move-se, estremece...
Da cavalgada o estrépito que aumenta
Perde-se após no centro da montanha.
E o silêncio outra vez soturno desce...
E límpida, sem mácula, alvacentá,
A lua a estrada solitária banha...

(Raimundo Correia)

Vamos recapitular?

Realismo e Naturalismo no Brasil

O Realismo, no Brasil, nasceu em consequência da crise criada com a decadência econômica açucareira, o crescimento do prestígio dos estados do sul e o descontentamento da classe burguesa em ascensão na época, o que facilitou o acolhimento dos ideais abolicionistas e republicanos. O movimento Republicano fundou em 1870 o Partido Republicano, que lutou para trocar o trabalho escravo pela mão de obra imigrante.

Nesse período, as ideias de Comte, Spencer, Darwin e Haeckel conquistaram os intelectuais brasileiros que se entregaram ao espírito científico, sobrepujando a concepção espiritualista do

Romantismo. Todos se voltam para explicar o universo através da Ciência, tendo como guias o positivismo, o darwinismo, o naturalismo e o cientificismo. O grande divulgador do movimento foi Tobias Barreto, ideólogo da Escola de Recife, admirador das ideias de Augusto Comte e Hipólito Taine.

O Realismo e o Naturalismo aqui se estabelecem com o aparecimento, em 1881, da obra realista Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis, e da naturalista O Mulato, de Aluísio de Azevedo, influenciados pelo escritor português Eça de Queirós, com as obras O Crime do Padre Amaro (1875) e Primo Basílio (1878). O movimento se estende até o início do século XX, quando Graça Aranha publica Canaã, fazendo surgir uma nova estética: o Pré-Modernismo.

Características

A literatura realista e naturalista surge na França com Flaubert (1821-1880) e Zola (1840-1902). Flaubert (1821-1880) é o primeiro escritor a pleitear para a prosa a preocupação científica com o intuito de captar a realidade em toda sua crueldade. Para ele a arte é impessoal e a fantasia deve ser exercida através da observação psicológica, enquanto os fatos humanos e a vida comum são documentados, tendo como fim a objetividade. O romancista fotografa minuciosamente os aspectos fisiológicos, patológicos e anatômicos, filtrando pela sensibilidade o real.

Contudo, a escola Realista atinge seu ponto máximo com o Naturalismo, direcionado pelas ideias materialísticas. Zola, por volta de 1870, busca aprofundar o cientificismo, aplicando-lhe novos princípios, negando o envolvimento pessoal do escritor que deve, diante da natureza, colocar a observação e experiência acima de tudo. O afastamento do sobrenatural e do subjetivo cede lugar à observação objetiva e à razão, sempre, aplicada ao estudo da natureza, orientando toda busca de conhecimento.

Sobre o movimento, o professor Alfredo Bosi diz:

"O Realismo se tingirá de naturalismo no romance e no conto, sempre que fizer personagens e enredos submeterem-se ao destino cego das "leis naturais" que a ciência da época julgava ter codificado; ou se dirá parnasiano, na poesia, à medida que se esgotar no labor do verso tecnicamente perfeito".

Vindo da Europa com tendências ao universal, o Realismo acaba aqui modificado por nossas tradições e, sobretudo, pela intensificação das contradições da sociedade, reforçadas pelos movimentos republicano e abolicionista, intensificadores do descompasso do sistema social. O conhecimento sobre o ser humano se amplia com o avanço da Ciência e os estudos passam a ser feitos sob a ótica da Psicologia e da Sociologia. A Teoria da Evolução das Espécies de Darwin oferece novas perspectivas com base científica, concorrendo para o nascimento de um tipo de literatura mais engajada, impetuosa, renovadora e preocupada com a linguagem.

Os temas, opostos àqueles do Romantismo, não mais engrandecem os valores sociais, mas os combatem ferozmente. A ambientação dos romances se dá, preferencialmente, em locais miseráveis, localizados com precisão; os casamentos felizes são substituídos pelo adultério; os costumes são descritos minuciosamente com reprodução da linguagem coloquial e regional.

O romance sob a tendência naturalista manifesta preocupação social e focaliza personagens vivendo em extrema pobreza, exibindo cenas chocantes. Sua função é de crítica social, denúncia da exploração do homem pelo homem e sua brutalização.

A hereditariedade é vista como rigoroso determinismo a que se submetem as personagens, subordinadas, também, ao meio que lhes molda a ação, ficando entregues à sensualidade, à sucessão dos fatos e às circunstâncias ambientais. Além de deter toda sua ação sob o senso do real, o escritor deve ser capaz de expressar tudo com clareza, demonstrando cientificamente como reagem os homens, quando vivem em sociedade.

Outro tratamento típico é a caracterização psicológica das personagens que têm seus retratos compostos através da exposição de seus pensamentos, hábitos e contradições, revelando a imprevisibilidade das ações e construção das personagens, retratadas no romance psicológico dos escritores Raul Pompéia e Machado de Assis.

A Principal característica do Realismo é a Psicologia

A Principal característica do Naturalismo é a Científica

É nesse contexto socio-político-científico que surgem o **Realismo**, o **Naturalismo** e o **Parnasianismo**. A alteração do quadro social e cultural exigia dos escritores outra forma de abordar a realidade: menos idealizada do que a romântica e mais objetiva, crítica e participante. Contudo há semelhanças e diferenças entre essas correntes. As semelhanças residem na objetividade, na luta contra o Romantismo e no gosto por descrições minuciosas.

DEPOIS DE TANTAS INFORMAÇÕES, VOCÊ JÁ DEVE IMAGINAR O QUE VAMOS DIZER, NÃO?



Recapitulando

1. Leia o poema abaixo.

“Quero que a estrofe cristalina,
Dobrada ao jeito
De ourives, saia da oficina
Sem um defeito
(...)”

Os versos do poema Profissão de fé, de Olavo Bilac, remetem ao:

- (A) Simbolismo.
- (B) Modernismo.
- (C) Romantismo.
- (D) Parnasianismo.
- (E) Pré-modernismo.

2. (U. Uberaba/MG) Leia com atenção os fragmentos a seguir:

I

- (A) “Esta, de áureos relevos trabalhada
- (B) De divas mãos, brilhante copa, um dia,
- (C) Já de aos deuses servir como cansada,
- (D) Vinda do Olimpo, a um novo Deus servia.”

II

“A música da morte, a nebulosa,
A estranha, imensa música sombria
passa a tremer pela minh’alma e fria
gela, fica a tremer, maravilhosa...”

3. Assinale a alternativa em que aparecem características relacionadas, respectivamente, aos fragmentos I e II.

Busca do vago e do diáfano / Palavras que despertam impressões sensoriais.
Cultivo da perfeição formal / Linguagem marcada pela objetividade temática.
Busca de um tema ligado à Grécia antiga / Registro da realidade de maneira simbólica.
Forma requintada, linguagem sugestiva / Descrição minuciosa de um objeto.

Observe as seguintes afirmações sobre o período literário denominado Realismo:

- I. Os realistas fogem às exibições subjetivas dos românticos. O escritor deve manter a neutralidade diante daquilo que está narrando, por isso mesmo, há um domínio das narrativas em terceira pessoa.
- II. A ideia de que o escritor deve reproduzir fielmente o real é um dos princípios centrais do movimento realista, uma vez que o leitor precisa acreditar na veracidade do texto.
- III. Na tentativa de fugir dos devaneios sentimentais românticos, os realistas propuseram uma linguagem verossímil e repleta de regionalismos, privilegiando, assim, o caráter oral.

Quais estão corretas?

- (A) apenas I
- (B) apenas II
- (C) apenas I e II
- (D) apenas II e III
- (E) I, II e III

Na aula anterior vimos como as questões do racionalismo do século XIX influenciaram as artes. As ideias do evolucionismo, da natureza humana nas relações sociais, etc. Ficaram como pano de fundo das obras artísticas.

Após isto, veremos surgirem outros questionamentos. Agora o foco e o ponto de vista colocam em xeque as teorias do Positivismo de Comte, repensa o valor da revolução industrial. Ou seja, em outras palavras, iremos retomar o esquecido sentir (que deu lugar ao ter e ao palpável).

Esta será nossa próxima aula:

SIMBOLISMO

Visão geral

O simbolismo surgiu na França, no final do século XIX, em oposição ao Naturalismo e ao Realismo.

Suas principais características são:

- Ênfase em temas místicos, imaginários e subjetivos
- Caráter individualista
- Desconsideração das questões sociais abordadas pelo Realismo e Naturalismo
- Estética marcada pela musicalidade (a poesia aproxima-se da música)
- Produção de obras de arte baseadas na intuição, descartando a lógica e a razão
- Utilização de recursos literários como, por exemplo, a aliteração (repetição de um fonema consonantal) e a assonância (repetição de fonemas vocálicos)

Simbolismo no Brasil

Considera-se o início do simbolismo o ano de 1893, com a publicação de duas obras de Cruz e Souza: *Missal* (prosa) e *Broquéis* (poesia). Podemos dizer que o movimento simbolista na literatura brasileira teve força até o surgimento do movimento modernista do começo da década de 1920.

Principais artistas simbolistas

Na Literatura internacional:

- Charles Baudelaire – autor francês da obra *As flores do mal* (1857) que é considerada um marco no simbolismo literário.
- Eugênio de Castro - poeta português.
- Camilo Pessanha - um dos mais importantes poetas do simbolismo em Portugal.
- Arthur Rimbaud (Francês)

- Stéphane Mallarmé (Francês)
- Paul Verlaine (Francês)

Na Literatura brasileira:

- Cruz e Souza
- Alphonsus de Guimaraens

Artes Plásticas:

- Paul Gauguin
- Gustave Moreau
- Odilon Redon

Teatro

- Maurice Maeterlinck
- Gabriele d'Annunzio

A partir deste panorama, você já pode notar quais as características mais marcantes do Simbolismo. Veremos, a seguir, de forma mais detalhada, o período, suas características e alguns dos seus escritores mais importantes.

Relembramos a você que as obras citadas em nossas aulas (prosa e poesia), muitas vezes, "caem" em provas de concursos. Por esta razão, sempre que houver uma referência sobre um texto, busque na internet ler mais sobre o enredo, os personagens, as características e etc. para que não seja surpreendido com uma questão que você nunca tenha nem ouvido falar.

Retomemos as questões sobre o período conhecido como Simbolismo

O simbolismo **foi um movimento** essencialmente poético do fim do século XIX e representou uma ruptura artística radical com a mentalidade cultural do **Realismo-Naturalismo** (*visto na última aula*), buscando fundamentalmente retomar a atenção às dimensões não-rationais da existência.

Por tanto, o simbolismo **torna a valorizar** a subjetividade, o sentimento, a imaginação, a espiritualidade; busca desvendar o subconsciente e o inconsciente nas relações misteriosas e transcendentais do sujeito humano consigo próprio e com o mundo.

Numa visão mais ampla, tanto no campo da filosofia e das ciências da natureza quanto no campo das ciências humanas, houve uma espécie de desconstrução das teorias racionalistas do período anterior através da física relativista de **Einstein**, da psicologia do inconsciente de **Freud** ou das teorias filosóficas de **Schopenhauer** e de Friedrich **Nietzsche**.

O surgimento do simbolismo refletiu a grande crise dos valores racionalistas da civilização burguesa, no contexto da virada do século XIX para o século XX, criando, assim, novas propostas estéticas que serão consideradas precursoras à arte da modernidade.

Origens do Simbolismo

Ao longo da década de 1890, desenvolveu-se na França um movimento estético a princípio apelidado de "decadentismo" e depois "Simbolismo". Por muitos aspectos, este movimento estava ligado ao Romantismo e tinha um "berço" comum com o Parnasianismo ("Parnasse Contemporain", 1866).

O Simbolismo gerou-se quando escritores passaram a considerar que o Positivismo de Augusto Comte e o demasiado uso da ciência e do ateísmo (procedimentos do Realismo) não conseguiam expressar completamente o que acontecia com o homem e a Natureza.

Havia uma espécie de cansaço de tanta busca racional, quando se sentia que o homem não é só racional.

A França foi o berço do **Simbolismo**, que se manifestou no *satanismo* e no *spleen*¹ de **As Flores do Mal**, do poeta Charles Baudelaire; no mistério e na destruição da linguagem linear de **Um lance de Dados** e de **Tardes de um Fauno** de Stéphane Mallarmé; no marginalismo de *Outra e Agora*, de Paul Verlaine e ainda no amoralismo de **Uma Temporada no Inferno**, de Jean Nicolas Rimbaud.

Segundo algumas fontes, Edgar Allan Poe é considerado o precursor desse movimento, por ter influenciado nas obras de Baudelaire.

O Simbolismo em Portugal

Com a publicação de **Oristos**, de Eugenio de Castro, em 1890, inicia-se oficialmente o Simbolismo português, durando até 1915, época do surgimento da geração Orpheu, que desencadeia a revolução modernista no país, em muitos aspectos baseada nas conquistas da nova estética.

Conhecidos como adeptos do Nefelibatismo (espécie de adaptação portuguesa do Decadentismo e do Simbolismo francês), e, portanto como nefelibatas (pessoas que andam com a cabeça nas nuvens), os poetas simbolistas portugueses vivenciam um momento múltiplo e vário, de intensa agitação social, política, cultural e artística. Com o episódio do *Ultimatum* inglês, aceleram-se as manifestações nacionalistas e republicanas, que culminarão com a proclamação da República, em 1910.

Portanto, os principais autores desse estilo em Portugal seguem linhas diversas, que vão do esteticismo de Eugênio de Castro ao nacionalismo de Antônio Nobre e outros, até atingirem maioridade estilística com Camilo Pessanha: o mais importante poeta simbolista português.

Principais autores e obras:

Além de Raul Brandão, um dos raros escritores de prosa simbolista, na verdade prosa poética, representada pela trilogia que compreende as obras **A farsa**, **Os pobres** e **Húmus**, Eugênio de Castro, Antônio Nobre e Camilo Pessanha são os poetas mais expressivos do simbolismo em Portugal.

O Simbolismo no Brasil

Iniciado oficialmente em 1893, com a publicação de **Missal** (prosa poética) e **Broquéis**, de **Cruz e Souza**, considerado o maior representante do movimento no país, ao lado de Alphonsus de Guimaraens, o Simbolismo brasileiro, segundo alguns autores, não foi tão relevante quanto o europeu. Em outras palavras, não conseguiu substituir os cânones da literatura oficial, predominantemente realista e parnasiana.

Esse fenômeno não é difícil de entender: a ênfase no primitivo e no inconsciente desta poesia, seu caráter universalizante e ao mesmo tempo intimista, não respondiam às questões nacionais.

Por outro lado, entretanto, pelas mesmas características mencionadas, as manifestações simbolistas no Brasil, especialmente no Sul, terra de Cruz e Souza, possuem uma aura de "seita", com verdadeiras sociedades secretas cujos ritos, jargões e nomes sugerem os traços essenciais do movimento (por exemplo: "*Romeiros da Estrada de São Tiago*", "*Magníficas da palavra de escrita*", etc).

Movimento de cunho idealista, o **Simbolismo** teve que enfrentar no Brasil a atmosfera de oposição e hostilidade criada pelo Zeitgeist realista e positivista dominante desde 1870. O prestígio

do parnasianismo não deixou margem para que se reconhecesse o movimento simbolista e avaliasse o seu valor e alcance, tão importantes que a sua repercussão e influência remotas são notórias em relação à literatura modernista. O **Simbolismo** foi abafado pela ideologia dominante e os adeptos do simbolismo sofreram sob forte oposição.

Vejamos os Autores e suas características:

Cruz e Sousa

Principais obras:

- Missal (prosa)
- Broquéis (poesia)
- Tropos e fantasias
 - Faróis
- Últimos sonetos

Principais características:

- No plano temático: a morte, a transcendência espiritual, a integração cósmica, o mistério, o sagrado, o conflito entre matéria e espírito, a angústia e a sublimação sexual, a escravidão e uma verdadeira obsessão por brilhos e pela cor branca;
- No plano formal: as sinestésias, as imagens surpreendentes, a sonoridade das palavras, a predominância de substantivos e o emprego de maiúsculas, utilizadas com a finalidade de dar um valor absoluto a certos termos.

Alphonsus de Guimaraens

Principais obras:

- Setenário das dores de Nossa Senhora (1899)
- Dona Mística (1899)
- Kyriale (1902)
- Pastoral aos crentes do amor e da morte (1923), entre outros.

Sua poesia desenvolve-se em torno de um misticismo marcado pela morte, que surge como uma inevitabilidade, e é praticamente transformada em objeto de adoração. Formalmente, o autor

revela influências árcades e renascentistas, sem cair no formalismo parnasiano. O poeta chegou a explorar a redondilha maior, de longa tradição popular, medieval e romântica, sua obra é rica em recursos como aliteraões e sinestésias.

Recapitulando

1. Assinale a alternativa que preenche adequadamente as lacunas.

O Simbolismo inicia como uma reação ao _____ e suas manifestações. A nova estética nega o _____, valorizando, em contrapartida, as manifestações _____.

- (A) Arcadismo – racionalismo – subjetivas
- (B) Parnasianismo – cientificismo – espirituais
- (C) Modernismo – materialismo – religiosas
- (D) Impressionismo – objetivismo – subjetivas
- (E) Romantismo – subjetivismo – nacionais

2. Considere as afirmativas abaixo, relativas ao Simbolismo:

- I. No plano temático, o Simbolismo foi marcado pelo mistério e pela inquietação mística com problemas transcendentais do homem. No plano formal, caracterizou-se pela musicalidade e certa quebra no ritmo do verso, precursora do verso livre do modernismo.
- II. O Simbolismo, surgido contemporaneamente ao materialismo cientificista, enquanto atitude de espírito, passou ao largo dos maiores problemas da vida nacional. Já a literatura realista-naturalista acompanhou fielmente os modos de pensar das gerações que fizeram e viveram a Primeira República.
- III. O Simbolismo, com Cruz e Souza e Alphonsus de Guimaraes, nossos maiores poetas do período, legou-nos uma produção poética que se caracterizou pela busca da "arte pela arte", isto é, uma preocupação com o verso artesanal, friamente moldado. Devido a essa tendência à objetividade na composição, o movimento também se denominou "decadentista".

Assinale a alternativa correta:

- (A) I é falsa; II e III, verdadeiras.
- (B) I e III são falsas; II, verdadeira.
- (C) I é verdadeira; II e III, falsas.
- (D) I, II e III são verdadeiras.
- (E) I e II são verdadeiras; III, falsa.

3. Identifique os versos tipicamente simbolistas de Cruz e Sousa.

- (A) Adeus! ó choça do monte!...
Adeus! palmeiras da fonte!...
Adeus! amores... adeus!...
- (B) Rei é Oxalá que nasceu sem se criar.
Rainha é Iemanjá que pariu Oxalá sem se manchar.
- (C) Minhas ideias abstratas
De tanto as tocar, tornaram-se concretas.
São rosas familiares
Que o tempo traz ao alcance da mão.
- (D) Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo.
- (E) Nessa Amplidão das Amplidões austeras
chora o Sonho profundo das Esferas
que nas azuis Melancolias morre...

4. "Faz descer sobre mim os brandos véus da calma,
Sinfonia da Dor, ó Sinfonia muda,
Voz de todo meu Sonho, ó noiva da minh'alma,
Fantasma inspirador das Religiões de Buda."

A estrofe acima é de Cruz e Souza, e nela estão os seguintes elementos típicos da poesia simbolista:

- (A) realidade urbana, linguagem coloquial, versos longos.
- (B) erotismo, sintaxe fluente e direta, ironia.
- (C) desprezo pela métrica, linguagem concretizante, sátira.
- (D) filosofia materialista, linguagem rebuscada, exotismo.
- (E) misticismo, linguagem solene, valorização do inconsciente.

PRÉ-MODERNISMO

5. Um dos aspectos que faz com que a poesia simbolista se contraponha frontalmente ao Parnasianismo é:

- (A) o predomínio da linguagem denotativa sobre a figurada, como tentativa de exprimir com mais clareza as ambiguidades da alma.
- (B) a consideração do poema como um produto artístico, resultante de um processo lógico e analítico de interpretação do real.
- (C) a visão materialista do mundo, adequadamente expressa por uma linguagem eivada de sugestões plásticas que acentuam a ideia de sensualidade.
- (D) a adoção de uma postura subjetiva diante da realidade, expressa por uma linguagem rica de associações sensoriais.
- (E) o abandono do soneto, que, como forma poética fixa, passa ser considerado impróprio para exprimir a fluidez onírica.

Passeamos pela história da literatura desde a Idade Média. Chegamos ao Brasil e estamos dando prosseguimento aos nossos estudos.

Adentraremos o séc. XX que foi para a expressão das artes um tempo magistral da experimentação e da "mistura" entre razão e emoção.

Vermos nesta aula como os homens do século passado puderam lidar com tantos conceitos, invenções, lutas (as Guerras Mundiais), os gritos libertários, as vozes das minorias e etc.

No Brasil

O Pré-Modernismo teve seu desenvolvimento nas décadas de 1910 e 1920. É o que alguns estudiosos de literatura dizem ser a transição entre o simbolismo e o modernismo.

Contexto histórico

O Pré-Modernismo brasileiro situa-se no contexto histórico da consolidação da República. A expectativa de um novo Brasil, mais justo e moderno, com o advento do regime republicano foi frustrada. No novo regime, as desigualdades continuaram, a oligarquia se manteve no poder, a participação política ficou restrita às elites e os conflitos sociais (*exemplos: Guerra da Vacina, Guerra do Contestado, Cangaço e Revolta da Chibata*) surgiram pelo Brasil. Foi este contexto que influenciou a produção literária das duas primeiras décadas do século XX.

Principais características do Pré-Modernismo no Brasil

- Abordagem de problemas sociais brasileiros (desigualdade, conflitos, pobreza e exclusão social e política). Estes temas serão retratados, principalmente, nas obras de dois importantes escritores do período: Lima Barreto e Euclides da Cunha.

- Regionalismo: valorização de aspectos culturais de regiões do Brasil.

- Estética literária marcada por valores do Naturalismo.

- Mistura de estilos literários de escolas anteriores.

- Surgimento, em alguns escritores (Lima Barreto, por exemplo) do uso da linguagem coloquial.

- Surgimento, embora o conservadorismo ainda se faça presente, de inovações técnicas na forma de expressão literária.

* **importante:** por não se tratar de uma escola literária, mas sim um período de transição, as características acima não estão presentes nas obras de todos os escritores pré-modernistas. Cada escritor possui seu próprio estilo e suas próprias temáticas de destaque.

Principais escritores pré-modernistas e suas obras

- **Lima Barreto** – escritor carioca, autor de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*.

- **Monteiro Lobato** – escritor paulista, autor de *Cidades Mortas e Urupês*.

- **Graça Aranha** – escritor maranhense, autor de *Canaã*.
- **Euclides da Cunha** – escritor carioca cuja principal obra foi *Os sertões*.
- **João Simões Lopes Neto** – escritor gaúcho, autor de *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*.
- **Augusto dos Anjos** – poeta paraibano, autor da obra *Eu*.

Como sempre, é necessário entender um pouco o CONTEXTO da época para poder analisar questões sobre a literatura produzida.

O Pré-Modernismo situa-se, então, aproximadamente, entre as duas primeiras décadas do séc. XX, e precede o Movimento Modernista de 1922.

Na verdade, o Pré-Modernismo não corresponde a uma escola literária, mas sim a um confluir de escritores que, não correspondendo a nenhuma das estéticas de fins do século XIX, tiveram **uma produção de impacto**, apresentando novas vertentes estilísticas e/ou temáticas em nossa literatura.

Os principais autores do período são:

Lima Barreto (1881-1922)

João do Rio (1881-1921)

Augusto dos Anjos (1884-1914)

Euclides da Cunha (1866-1909)

Monteiro Lobato (1882-1948)

O Rio de Janeiro do início do século XX, capital da recém-proclamada República, em meio a suas profundas transformações promovidas pela reforma urbana do Presidente Pereira Passos, na região central da cidade, é o pano de fundo da obra de dois grandes representantes do momento pré-modernista: Lima Barreto e João do Rio.

Esse início de século foi marcado por várias invenções e descobertas que influenciaram toda a humanidade.

O Brasil vivia sob o regime da chamada [República do Café com Leite](#) e foi uma época marcada por revoltas e conflitos sociais: [Revolta da Armada](#), [Revolta de Canudos](#), [Cangaço](#), [Revolta da Vacina](#), [Revolta da Chibata](#), [Guerra do Contestado](#).

A [Reforma Pereira Passos](#), também conhecida à época por *Bota Abaixo*, instaurava o período conhecido como *Belle Époque*, marcado por ares europeizados do Centro da Cidade, sobretudo.

O Rio de Janeiro apresentava-se como a Paris dos Trópicos.

Esse mesmo cenário acentua os conflitos sociais na cidade. A percepção dessa desigualdade social marcada será sublinhada na obra de Lima Barreto. O escritor, de fato reconhecido em sua grandiosidade apenas postumamente, trouxe-nos uma prosa em linguagem mais corrente, de certa forma, retomando o projeto de abrigar a linguagem literária brasileira, iniciado por Alencar e que atingiria seu clímax com os modernistas de 22. Sua literatura é de denúncia de desigualdades sociais e preconceitos, de temáticas que retratam aspectos mais populares da sociedade e de construção de um projeto de país utópico, como bem retratadas em sua obra maior *O triste fim de Policarpo Quaresma*.

Também nutrido de mordaz senso de observação, João do Rio – Paulo Barreto, de nascimento – em suas crônicas principalmente, foi crítico severo das transformações por que o Rio passava. As quais, segundo ele, a título de modernidade, retiravam da cidade sua verdadeira alma.

Vemos isso no trecho seguinte:

MODERNIZAÇÃO (João do Rio)*

— As avenidas são a morte do velho Rio. Este mercado, onde não moram mais os mercadores, esse mercado fechado e higiênico pode ser aquela antiga praça centro da miséria, da luxúria viscosa, de tantas e tantas tradições? Nunca! Amanhã, temo-lo demolido como a velha Saúde, amanhã atiram esses becos por terra; amanhã desmancham a rua Tobias Barreto, a rua do Nuneio, a rua da Conceição, e a parte bizarra, curiosa, empolgante da cidade desaparece absolutamente! Vamos ficar como todas as outras cidades!

— As ruas morrem, e mudam de alma. Se nós mudamos, que queres tu que elas façam?

[...]

(*Texto escrito por Paulo Barreto (João do Rio), publicado na Gazeta de Notícias, em 12 de janeiro de 1908)

Mais autores

Em estilo de produção totalmente diverso desses autores, eis que surge **Augusto dos Anjos**. Até hoje, é, possivelmente, um caso único e de difícil classificação estética. Sua tradicional na forma e inovadoramente ímpar no conteúdo. Instaura-se em seu texto todo um vocabulário e terminologia de viés cientificista e muito pouco usual na tradição poética.

Outro a se destacar em obra magnânima é o jornalista **Euclides da Cunha**, por meio de *Os Sertões*, marco introdutório da temática do Nordeste, a ser retomada depois pela geração modernista de 30, em nossa literatura. Essa é uma produção que une o tom literário ao apuro jornalístico, sobretudo em suas descrições e caracterizações do contexto da Guerra de Canudos, a qual estava encarregado, profissionalmente, de acompanhar.

Por fim, o destacado **Monteiro Lobato**, autor cuja produção extrapola a temática infanto-juvenil de **O sítio do Pica-pau Amarelo** qual o consagrou por muitas gerações. Lobato foi autor atento às grandes questões do país. Como dizia, "Um país se faz com livros e homens". Além de escritor de dezenas de obras, também atuou como tradutor, ensaísta, editor. É seu o personagem Jeca Tatu, até hoje tomado como certo estereótipo caricatural do caipira brasileiro.

Recapitulando



Estamos nos aproximando de um período da literatura brasileira muito importante como foi o Modernismo e a Semana de 22. Por esta razão, busque ler mais sobre as obras aqui mencionadas, pois elas começam a dar indícios do que estava por vir nas artes brasileiras. Não é a toa que em muitos concursos aparecem questões sobre os livros citados aqui.

Preparado para enfrentar as questões de avaliação? Descanse um pouco e vamos lá!



1. A obra de Lima Barreto:

- (A) Reflete a sociedade rural do século XIX, podendo ser considerada precursora do romance regionalista moderno
- (B) Tem cunho social, embora esteja presa aos cânones estéticos e ideológicos românticos e influenciou fortemente os romancistas da primeira geração modernista
- (C) É considerada pré-modernista, uma vez que reflete a vida urbana paulista antes da década de 20
- (D) Gira em torno da influência do imigrante estrangeiro na formação da nacionalidade brasileira, refletindo uma grande consciência crítica dessa problemática
- (E) É pré-modernista, refletindo forte sentimento nacional e grande consciência crítica de problemas brasileiros

2. No romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, o nacionalismo exaltado e delirante da personagem principal motiva seu engajamento em três diferentes projetos, que objetivam "reformular" o país. Esses projetos visam, sucessivamente, aos seguintes setores da vida nacional:

- (A) cultural, agrícola e político
- (B) linguístico, político e militar
- (C) linguístico, industrial, e militar
- (D) escolar, agrícola e militar
- (E) cultura, industrial e político

3. Nas duas primeiras décadas de nosso século, as obras de Euclides da Cunha e de Lima Barreto, tão diferentes entre si, têm como elemento comum:

- (A) A prática de um experimentalismo linguístico radical
- (B) A intenção de retratar o Brasil de modo otimista e idealizante
- (C) O estilo conservador do antigo regionalismo romântico
- (D) A adoção da linguagem coloquial das camadas populares do sertão
- (E) A expressão de aspectos até então negligenciados da realidade brasileira

4. A literatura do pré-modernismo brasileiro, nas obras de Euclides da Cunha, Lima Barreto e Monteiro Lobato, caracteriza-se pela:

- (A) descrição e romantização da sociedade rural.
- (B) interpretação e polêmica voltadas para a problemática social.
- (C) análise e idealização da sociedade urbana.

- (D) restauração e mitificação da temática histórica.
- (E) reconstrução e fabulação da sociedade indígena.

5. A expressão Pré-Modernismo traz implícita uma significação peculiar, uma vez que o termo "pré" remete a uma situação de anterioridade, dentro de um contexto abrangente e múltiplo de sentidos; modernismo, em lato sensu, refere-se à evolução, ao progresso, e, em stricto sensu, especificamente a um gênero literário que apresenta características próprias e inerentes. Dessa maneira, pode-se dizer que, ao usar a expressão:

- (A) pretende-se ensejar uma definição vaga do movimento que despontava.
- (B) havia a certeza de que o movimento não teria repercussão.
- (C) procurava-se refletir as contradições de uma realidade em que várias correntes de pensamento se distinguiam e, ao mesmo tempo, contemplavam-se.
- (D) rotulou-se um estilo literário e único, reflexo da situação estável que ora existia.
- (E) tematizou-se o sentimento como a única fonte de inspiração de seus integrantes.

6. Assinale a alternativa INCORRETA sobre o Pré-Modernismo:

- (A) Não se caracterizou como uma escola literária com princípios estéticos bem delimitados, mas como um período de prefiguração das inovações temáticas e linguísticas do Modernismo.
- (B) Algumas correntes de vanguarda do início do século XX, como o Futurismo e o Cubismo, exerceram grande influência sobre nossos escritores pré-modernistas, sobretudo na poesia.
- (C) Tanto Lima Barreto quanto Monteiro Lobato são nomes significativos da literatura pré-modernista produzida nos primeiros anos do século XX, pois problematizam a realidade cultural e social do Brasil.
- (D) Euclides da Cunha, com a obra "Os Sertões", ultrapassa o relato meramente documental da batalha de Canudos para fixar-se em problemas humanos e revelar a face trágica da nação brasileira.
- (E) Nos romances de Lima Barreto observa-se, além da crítica social, a crítica ao academicismo e à linguagem empolada e vazia dos parnasianos, traço que revela a postura moderna do escritor.

MODERNISMO BRASILEIRO (AS 3 GERAÇÕES)

Modernismo no Brasil - a Semana de Arte: São Paulo e a 1ª geração modernista

Na época da **Semana de Arte Moderna**, São Paulo estava se transformando rapidamente; era uma capital progressista, por causa do crescimento trazido pela economia; havia novos costumes, novas relações políticas, novas influências; havia tantos estrangeiros, tantos burgueses, tantos intelectuais se mobilizando que a Semana de Arte Moderna só podia mesmo ter acontecido nessa cidade - e não no Rio, que tinha sido, até então, o tradicional centro cultural do Brasil.

E aconteceu mesmo. Em fevereiro de 1922, três dias de intensas e escandalosas apresentações no moderníssimo Teatro Municipal de São Paulo foram suficientes para "escandalizar" a sociedade paulistana.

Num dos dias, Villa-Lobos sobe ao palco de casaco e chinelos para tocar suas composições modernistas: novo escândalo, pois se supôs que a unha encravada do maestro fosse uma atitude modernista e desrespeitosa para com a música clássica.

Um outro escândalo haveria de protagonizar o poeta Ronald de Carvalho, incumbido de declamar um poema, enviado por Manuel Bandeira, para o evento. Tal poema, "Os sapos", debochava ostensivamente do parnasianismo tão exaurido de Olavo Bilac:

[...]

O sapo-tanoeiro,

Parnasiano aguado,

Diz: - "Meu cancioneiro

É bem martelado.

Vede como primo

Em comer os hiatos!

Que arte! E nunca rimo

Os termos cognatos.

[...]

Características da primeira geração do modernismo

Com se pode imaginar, a Semana não foi o exato início do modernismo, que já agitava São Paulo desde 1912/1915, mas foi o mais ruidoso momento em que se expuseram as novas ideias e posturas intelectuais, as quais viriam marcar todo o século 20.

O modernismo dessa primeira geração guerreira é, então, **sobretudo** um movimento **contra tudo** o que está instituído, o que é velho; os modernistas dizem "não" à arte artificial, cheia de rimas frias e sonetos perfeitos e vazios.

O poeta **Carlos Drummond de Andrade**, sabendo exatamente o que é essa liberdade, viria a escrever, logo a seguir:

Não rimarei a palavra sono

Com a incorrespondente palavra outono

Rimarei com a palavra carne

Ou qualquer outra, que todas me convêm.

As palavras não nascem amarradas

Elas saltam, se beijam, se dissolvem

No céu livre por vezes um desenho

São puras, largas, autênticas, indevassáveis.

"Consideração do poema" (*A rosa do povo*)

O espírito desses artistas era polêmico, original e debochado. Havia entre eles, como se vê, uma posição anárquica, cuja frase famosa de Mário de Andrade os justificava: "Não sabemos definir o que queremos mas sabemos o que não queremos!". Tinham de lutar para demolir a vida social brasileira, que consideravam colonial, antiga, lusitana. E havia, sobretudo, um nacionalismo intransigente, que viria a criar **Macunaíma**, de Mário de Andrade, ou a **Poesia Pau-Brasil** de Oswald:

Escapulário

No Pão de Açúcar

De Cada Dia

Daí-nos Senhor

A Poesia

De Cada Dia

Busca de originalidade

Foram esses artistas totalmente originais? Não, mas conseguiram levar para a poesia e para a prosa o vocabulário do cotidiano, conseguiram subverter a ordem sintática tão artificial da poesia parnasiana, escolheram novos temas e, principalmente, trouxeram a literatura para o momento presente, os fatos do presente para a literatura e a modernidade de se poder pensar a própria arte para fazer arte (metalinguagem).

Sem esses ingênuos e lutadores artistas, porém fabulosos modernistas de primeira geração, os escritores que vieram depois jamais seriam tão sólidos como foram. Na loucura desses moços, fundou-se no Brasil o que há de mais importante: estarmos passo a passo com a modernidade do mundo. Ou seja, eles eram livres e "internacionais". Como disse Mário de Andrade:

Leitor

Está fundado o Desvairismo.

Este prefácio, apesar de interessante, inútil.

[...]

Quando sinto a impulsão lírica escrevo sem pensar tudo o que meu inconsciente me grita.

Penso depois: não só para corrigir, como para justificar o que escrevi. Daí a razão deste

("Prefácio Interessantíssimo", 1922)

Modernismo no Brasil - a 2ª geração: O Romance de 30

Depois da **Semana de Arte Moderna**, a ideia de "modernismo" - ou seja, de novas atitudes artísticas contra a arte encarada como artificial, contra tudo o que os escritores consideravam "velho"- parecia não ter sido absorvida e a literatura no Brasil parecia não ter mudado em nada.

Entretanto, alguns intelectuais de várias regiões começaram a manifestar-se: a verdadeira arte moderna devia retratar criticamente um Brasil mais abrangente, que mal se conhecia, cujas desigualdades sociais fossem retratadas com vigor num realismo próprio do século 20. A arte literária, segundo vários intelectuais, devia sair dos "salões aristocráticos de São Paulo", quer dizer, devia abandonar o contato apenas com o urbano, influenciado pelas vanguardas europeias.

O Romance de 30

Em 1926, ocorre um congresso em Recife e nele se encontram escritores do Nordeste; estes se dispõem, aos poucos, a fazer uma prosa regional consistente e participativa. É dessas primeiras manifestações que surgirá um dos momentos mais autênticos da literatura brasileira, o Romance de 30.

A data de 1930 é marcante porque consolida a renovação do gênero romance no Brasil, ou seja, traz novos rumos à prosa. Depois de tanta arruaça intelectual dos primeiros modernistas no Sudeste do país, procura-se atingir equilíbrio e estabilidade, que, aos poucos, vai aparecendo em obras e mais obras: **O quinze**, de Rachel de Queiroz (1930); **O país do Carnaval**, de Jorge Amado (1931); **Menino de engenho**, de José Lins do Rego (1932); **São Bernardo**, de Graciliano Ramos (1934); e **Capitães da areia**, de Jorge Amado (1937).

Esta nova literatura em prosa será antifascista e anticapitalista, extremamente vigorosa e crítica. Os livros didáticos a chamam com vários nomes: "Romance de 30" (porque é o início cronológico da nova literatura); romance neo-realista (porque essas obras conseguiram renovar e modernizar o realismo/naturalismo do século 19, enriquecendo-o com preocupações psicológicas e sociais) ou romance regionalista moderno (porque escapa das metrópoles e vai ao Brasil regional, preso ainda a antinomias dos séculos anteriores).

Lembremos, inclusive, que algumas obras sociológicas fundamentais surgem nessa mesma época: **Casa-grande & senzala**, de Gilberto Freyre, é de 1933, e **Raízes do Brasil**, de Sérgio Buarque de Hollanda, de 1936.

De todos os nomes para essa época, o melhor parece ser o do título deste artigo. Por quê? Porque os romances de Rachel de Queiroz, Jorge Amado, José Lins do Rego, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos e outros escritores criaram um estilo novo, completamente moderno, totalmente liberto da linguagem tradicional, nos quais puderam incorporar a real linguagem regional, as gírias locais.

A consciência crítica

Mais do que tudo, através dessa "fala", consolidaram em suas obras questões sociais bastante graves: a desigualdade social, a vida cruel dos retirantes, os resquícios de escravidão, o coronelismo, apoiado na posse das terras - todos problemas sociopolíticos que se sobreporiam ao lado pitoresco das várias regiões retratadas.

Leia, por exemplo, um trecho de **Vidas secas**, de Graciliano Ramos:

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos[...]

Arrastaram-se para lá, devagar, Sinhá Vitória com o filho mais novo escanhecado no quarto e o baú de folha na cabeça, Fabiano sombrio, cambaio, o aió a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás.

Perceba a força narrativa com que o narrador descreve a cena cruel, de retirantes exaustos sob o sol, a família silenciosa e triste, com a qual ele se solidariza ("os infelizes"); ele e nós, os leitores. A lentidão proposital da narrativa é a superação difícil do caminho sob o sol (para onde vai quem não tem terras?) e a segura descritiva reproduz o silêncio dos que estão exaustos. Essa é a seca vida do herói - agora um anti-herói -, humilhado e vencido pelo meio hostil.

Esses romances foram fundamentais para o amadurecimento da consciência crítica e social do leitor brasileiro. Com eles, encontramos formas de compreensão do homem em várias faixas da sociedade brasileira e do determinismo que o persegue em situações adversas. É injusto pensarmos que esses romances mostraram apenas as "mulatas gabrielas" para o mundo exterior. As formas de narrar o cotidiano ficaram mais complexas e tensas.

Leia mais um trecho de Graciliano Ramos, não da história de Fabiano, mas da de Paulo Honório, que foi guia de cego e trabalhador de enxada, mas conseguiu conquistar, com violência e determinação, além da fazenda de São Bernardo, respeito, dinheiro e prestígio: virou um coronel. Teria sido um Fabiano que deu certo? Parece que não:

Cinquenta anos perdidos, cinquenta anos gastos sem objetivo, a maltratar-me e a maltratar os outros. O resultado é que endureci, calejei

[...]

Creio que nem sempre fui egoísta e brutal. A profissão é que me deu qualidades tão ruins.

[...]

Não consigo modificar-me, é o que aflige.

[...]

A culpa foi minha, ou antes, a culpa foi desta vida agreste que me deu uma alma agreste.

A adesão ao socialismo impôs aos escritores da época, às vezes de forma radical, fórmulas de compreensão do homem em sociedade. Os romancistas, imbuídos do sentimento de missão política, queriam mostrar as tensões que transformavam ou destruíam os homens - aliás, um tema universal e sempre vivo na literatura.

Mas o fato é que sem os modernistas de 1922 (1ª geração), dificilmente os modernistas de 1930 (2ª geração) teriam conseguido o feito literário e social que obtiveram, porque aqueles foram os primeiros que provocaram a atualização da "inteligência" brasileira, foram eles que trouxeram para a literatura o fato não-literário e a oralidade, que tanto beneficiou o realismo seco dos escritores regionalistas, dando-lhes maior autenticidade.

Por outro lado, mesmo com os romances mais pitorescos e menos brutais, os leitores aprenderam, como nos ensina Alfredo Bosi (História concisa da literatura brasileira), que o velho mundo dos homens poderosos não acaba tão facilmente: as estruturas das oligarquias regionais se mantêm através do poder e da força, e é contra eles que se tem de lutar. Como nos conta Jorge Amado, ao final de *Capitães da areia*:

No ano em que todas as bocas foram impedidas de falar, no ano que foi todo ele uma noite de terror, esses jornais (únicas bocas que ainda falavam) clamavam pela liberdade de Pedro Bala, líder da sua classe, que se encontrava preso numa colônia.

[...] E no dia em que ele fugiu..., em inúmeros lares, na hora pobre do jantar, rostos se iluminaram ao saber da notícia. [...] Qualquer daqueles lares se abriria para Pedro Bala, fugitivo da polícia. Porque a revolução é uma pátria e uma família.

E a poesia, perguntará você? Deixou de ser feita nesses anos duros da seca? De jeito nenhum.. Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Mário e Oswald de Andrade, **Cecília Meireles**, **Cassiano Ricardo**, **Murilo Mendes** e outros poetas continuavam sua longa carreira lírica modernista.

Modernismo no Brasil - a 3ª geração: Crítica social e metalinguagem

Depois do modernismo da Semana de Arte Moderna, em 1922 (1ª geração modernista), e do incisivo e duro modernismo de 1930, em que predominou o romance regionalista (2ª geração modernista), começam a se instalar, a partir de 1945/1950, novos rumos para a literatura brasileira.

A data é fundamental para o mundo todo porque corresponde ao término da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). O ano de 1945 foi especialmente importante para o Brasil literário, pois também é o ano da morte de Mário de Andrade - o grande artista, poeta e teórico do modernismo. Com sua morte, encerram-se, simbolicamente, as primeiras vanguardas que realizaram a Semana de Arte.

Além desses fatos, uma nova Constituição, a de 1946, estabelecia pactos sociais novos, tidos como modernizantes e mais justos para o país. Ou seja, o Brasil se modernizava, como, aliás, ocorria no mundo todo. E todos olhavam para os Estados Unidos, que crescia como potência.

Poetas, prosadores e artistas em geral, ajustando-se ao mundo pós-guerra, já tinham total liberdade de usar as formas que quisessem e a temática que lhes parecesse mais adequada para interpretar a vida e o nosso país. Com tal liberdade, até a rima poderia voltar aos poemas - e voltou. Por que não?, diziam os poetas. E, embora esse retorno fosse uma espécie de retrocesso da forma, falava-se muito em desenvolvimento e progresso.

Os avanços sociais e tecnológicos pipocavam no mundo todo e (é compreensível) havia uma postura entusiasmada em todas as sociedades -norte-americana, europeia e japonesa: todas em reconstrução. É fácil entender, então, por que se volta a falar em "nacionalismo" e por que se volta a valorizar a arte regional e popular em todos os cantos.

Novos caminhos

No Brasil, a essa geração de escritores dá-se o nome de 3ª geração modernista. Esse início da segunda metade do século 20 tem um momento cultural muito rico, pois as produções literárias, marcadas por todas essas novidades, diversificavam-se; acabava o predomínio da poesia da 1ª geração ou da prosa (2ª geração). Gêneros literários convivem, são feitos experimentos temáticos e linguísticos, e muitos dos textos escritos para os jornais (as crônicas) começam a crescer e ganhar *status* de literatura.

Excelente momento esse, pois ao mesmo tempo em que a prosa (romance, conto) buscava caminhos para prosseguir, renovando brilhantemente as técnicas de expressão - como fizeram Guimarães Rosa e Clarice Lispector -, a poesia moderna encontrava ainda maior profundidade de temas, de preocupação social e investigação psicológica, com Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Cecília Meireles, João Cabral de Melo Neto, Vinicius de Moraes e outros.

Aliás, a poesia fez até mais crítica social do que a prosa durante o período entre 1945 e 1965. Veja, por exemplo, um trecho de "Carta a Stalingrado", em que Carlos Drummond de Andrade registra a dor pela guerra e a morte:

Stalingrado...

Depois de Madri e de Londres, ainda há grandes cidades!

O mundo não acabou, pois que entre as ruínas

Outros homens surgem, a face negra de pó e de pólvora,

E o hálito selvagem da liberdade

Dilata os seus peitos, [...]

(*A rosa do povo*, 1945)

Ou leia um trecho de seu poema posterior, "A bomba" (a bomba de Hiroshima), em que a própria palavra bomba - como ênfase na devastação da terra e das vidas - é repetida mais de 50 vezes:

A bomba
é uma flor de pânico apavorando
os floricultores
[...]
A bomba saboreia a morte com marshmallow
[...]
A bomba
não admite que ninguém se dê
ao luxo de morrer de câncer.
[...]
A bomba
É câncer.

(**Lição de coisas**, 1962)

Vinicius de Moraes, mesmo depois do fim da guerra, também se deteve no sofrimento mundial, mergulhando na imagem da "Bomba de Hiroxima". Esse poema (na verdade, uma letra de canção), todos nós conhecemos bem, musicado na voz de Ney Matogrosso:

Pensem nas crianças
Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexatas
Pensem nas mulheres
Rotas alteradas
Pensem nas feridas
Como rosas cálidas
Mas oh não se esqueçam
Da rosa da rosa
Da rosa de Hiroxima [...]

(1962)

Muitos poetas fazem uso insistente da metalinguagem, que se manifesta junto com a preocupação social e política: para que serve a poesia, para falar de sentimentos ou do mundo exterior? A poesia é ou não a arte da palavra? No lindo "O poema", João Cabral de Melo Neto diz:

A tinta e a lápis
Escrevem-se todos
Os versos do mundo.
Que monstros existem

Nadando no poço
Negro e fecundo?
Como o ser vivo
Que é um verso,
Um organismo

Com sangue e sopro,
Pode brotar
De germes mortos?
[...]

(**O engenheiro**, 1943-1945)

E depois? O que vem?

São tantos os escritores importantes de 1945 em diante que, para cada um deles devemos dar atenção particular. Unidos pela época (guerra fria, bomba atômica, lutas raciais, EUA, (capitalismo), embora diferentes entre si, trouxeram à literatura brasileira da segunda metade do século 20 o intimismo, a visão crítica política, reflexões sobre a poesia e o mundo regional.

Muitos historiadores dizem que o mundo tal qual a história o conhecia deixou de existir a partir da década de 1950. Televisão, liberação feminina, eletrodomésticos novos, telecomunicações muito rápidas, urbanização maciça... Todo esse novo mundo estará vinculado à nova cultura de massa, não com a cultura letrada nem com a cultura popular.

Mas o que vai acontecer com a literatura? Tudo e nada ao mesmo tempo. Dizem que esse é o mundo pós-moderno. Mas essa já é outra história... E os escritores no Brasil participam dela.

Enquanto isso, "repare" num trecho de Cecília Meireles, a poeta dessa geração que, já em 1938, era premiada pela Academia Brasileira de Letras:

Serenata

Repara na canção tardia
Que timidamente se eleva,
Num arrulho de fonte fria.

O orvalho trem sobre a treva
E o sonho da noite procura
A voz que o vento abraça e leva.

Repara na canção tardia
Que oferece a um mundo desfeito
Sua flor de melancolia.
[...]

(Viagem, 1939)

Agora é sua vez de pesquisar.

Retiramos desta aula 5 nomes importantes da Literatura Brasileira do século XX. Você deverá fazer uma pesquisa que atenderá as seguintes questões:

1. nascimento e morte (se houver) do escritor;
2. local de nascimento;
3. a que geração pertenceu
4. obras mais importantes e famosas.

Carlos Drummond de Andrade

Oswald de Andrade

Manuel Bandeira

Graciliano Ram

Durante as nossas aulas, percorremos as origens da literatura (desde o período medieval com as "cantigas de amor" e "de amigo) e chegamos ao Modernismo Brasileiro.

Uma longa caminhada que não se esgota.

Agora veremos como "anda" a literatura brasileira nos dias atuais.

Não é fácil descrever um período literário no momento em que está acontecendo, por esta razão, vamos ver algumas características e autores atuais para que, a partir desta nossa conversa, você possa buscar mais informações e ler mais sobre o que nos dias de hoje estamos produzindo em termos de literatura.

Uma dica MUITO importante: Quanto mais se lê, mais se conhece. Quanto mais se lê, mais vemos que ainda há muito por conhecer

Não pense que esta é a última aula no sentido de que seus estudos terminaram. Ao contrário: aqui é que começa o seu caminhar. O que disponibilizamos durante este tempo em que estivemos juntos foi tão somente fornecer-lhe algumas pistas para que você buscasse o caminho da pesquisa e da leitura.

GABARITOS

QUINHENTISMO

1. C
2. E
3. B
4. A
5. E
6. B
7. A
8. C

BARROCO

1. Com o *Concílio de Trento* (1545 e 1563) houve uma grande reformulação do Catolicismo, para fazer frente a Reforma protestante. A igreja católica, com isso, busca recuperar a disciplina e a sua autoridade, estabelecendo assim uma divisão da cristandade entre protestantes e católicos. Teremos então países protestantes (mais favoráveis à liberdade de pensamento, o racionalismo e a curiosidade científica do Renascimento) e países católicos, sobretudo na Península Ibérica. Estes Estados católicos desenvolveram o movimento da Contrarreforma (com repressões às tentativas de manifestações culturais ou religiosas contrárias ao Catolicismo).
O clima geral era de austeridade e repressão. O Tribunal da Inquisição ameaçava cada vez mais a liberdade de pensamento. O complexo contexto sociocultural fez com que o homem tentasse conciliar a glória e os valores humanos despertados pelo Renascimento com as ideias de submissão e pequenez perante Deus e a Igreja.
2. (B) rebuscada; a antítese; barroca.
3. (E) O conceptismo caracteriza-se pela linguagem rebuscada, culta, extravagante, enquanto o cultismo é marcado pelo jogo de ideias, seguindo um raciocínio lógico, racionalista.
4. (B) O homem centra suas preocupações em seu próprio ser, tendo em vista seu aprimoramento, com base na cultura greco-romana.
5. (D) "Estiadas amáveis iluminavam instantes de céus sobre ruas molhadas de pipilosnos arbustos dos squares. Mas a abóbada de garoa desabava os quarteirões."

6. (D) O cultismo na Espanha, Portugal e Brasil é também conhecido como gongorismo e seu mais ardente defensor, entre nós, foi o Pe. Antônio Vieira, que, no Sermão da Sexagésima, propõe a primazia da palavra sobre a ideia.
(Vieira era conceptista)

ARCADISMO

1. (C) com a publicação dos poemas de Cláudio Manuel da Costa (em Lisboa) e pela fundação da Arcádia Ultramarina.
2. (B) teve em Cláudio Manuel da Costa o representante que, de forma original, recusou a motivação bucólica e os modelos camonianos da lírica amorosa.
3. (E) A morte de Moema, índia que se deixa picar por uma serpente, como prova de fidelidade e amor ao índio Balda, é trecho mais conhecido da obra O Uruguai, de Basílio da Gama.
4. (C) a ênfase na interpretação subjetiva da realidade.
5. (B) a presença de valores ou elementos clássicos.
6. (D) Cacambo, Lindóia, Gomes Freire de Andrade

ROMANTISMO I

1. (B) Cultivando o passado, procurou formas de compreender e explicar o presente.
O Romantismo nasceu no Brasil poucos anos depois de nossa independência política, ocorrida no ano de 1822. Embora ainda estivessem presentes características dos moldes literários europeus, já era possível identificar na literatura romântica o sentimento de nacionalismo e anticolonialismo, que norteavam a construção de uma identidade literária genuinamente brasileira.
2. (A) II, III e V.
3. (C) egocentrismo, hipersensibilidade, melancolia, pessimismo, angústia e desespero.
4. (A) apego ao equilíbrio na forma de expressão; presença do nacionalismo, pela temática indianista e pela valorização da natureza brasileira.
5. (B) coincidiu com o momento decisivo de definição da nacionalidade e colaborou para essa definição;
6. (C) aceitação da morte como a solução.
7. (C) a idealização da mulher
8. (C) egocentrismo – predomínio da poesia lírica – relativismo – insatisfação – idealismo

REALISMO – NATURALISMO - PARNASIANISMO

1. D
2. C
3. C

SIMBOLISMO

1. b) Parnasianismo – cientificismo – espirituais
2. b) I e III são falsas; II, verdadeira.
3. e) Nessa Amplidão das Amplidões austeras
chora o Sonho profundo das Esferas
que nas azuis Melancolias morre...
4. e) misticismo, linguagem solene, valorização do inconsciente.
5. a) o predomínio da linguagem denotativa sobre a figurada, como tentativa de exprimir com mais clareza as ambiguidades da alma.

PRÉ-MODERNISMO

- (E) É pré-modernista, refletindo forte sentimento nacional e grande consciência crítica de problemas brasileiros
- (A) cultural, agrícola e político
- (E) A expressão de aspectos até então negligenciados da realidade brasileira
- (B) interpretação e polêmica voltadas para a problemática social.
- (C) procurava-se refletir as contradições de uma realidade em que várias correntes de pensamento se distinguiram e, ao mesmo tempo, contemplavam-se.
- (B) Algumas correntes de vanguarda do início do século XX, como o Futurismo e o Cubismo, exerceram grande influência sobre nossos escritores pré-modernistas, sobretudo na poesia.